



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS
MBA EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS



JOSÉ RHADAMÉS MOURA MACENA

**O AQUECIMENTO GLOBAL E A GEOPOLÍTICA DO ÁRTICO - UMA
OPORTUNIDADE PARA A RETOMADA DA HEGEMONIA RUSSA NA EURÁSIA**

Niterói
2021

JOSÉ RHADAMÉS MOURA MACENA

**O AQUECIMENTO GLOBAL E A GEOPOLÍTICA DO ÁRTICO - UMA
OPORTUNIDADE PARA A RETOMADA DA HEGEMONIA RUSSA NA EURÁSIA**

Trabalho de conclusão de curso de MBA
apresentado ao Instituto de Estudos Estratégicos da
Universidade Federal Fluminense com parceria ao
Centro de Instrução Sylvio de Camargo (Marinha
do Brasil) como requisito parcial para a obtenção
do título de MBA em Relações Internacionais.

Niterói
2021

**Folha de Aprovação de Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais
(Monografia)**

Título do Trabalho: Consequências do aquecimento global na geopolítica do Ártico - Uma oportunidade para a Rússia retomar a hegemonia na região eurásiana

Aluno: José Rhadamés Moura Macena

Avaliadores

Avaliador 01: Prof. Dr. João Rafael Gualberto de Souza Moraes (Orientador)

Avaliador 02: Prof. Dr. Eduardo Heleno (Leitor)

Notas dos avaliadores	
Nota 1	
Nota 2	

À Deus, o Senhor da minha vida.

À minha amada esposa Élide, que está sempre ao meu lado.

À minha filha Giovanna (*in memoriam*), com todo amor e carinho.

RESUMO

O presente trabalho visa compreender a estratégia russa voltada para o Ártico, na intenção de avaliar se as mudanças geoclimáticas provocadas pelo aquecimento global na região podem gerar oportunidades pertinentes para o crescimento econômico russo que contribuam para a retomada de sua hegemonia na região eurásiana. Na hipótese de que a Rússia, como membro mais influente do Conselho do Ártico, dotada da maior e mais tecnológica frota de navios quebra-gelo do mundo, pode se beneficiar das mudanças na geografia daquela região, tanto para exploração de recursos energéticos, como petróleo e gás natural, quanto no que diz respeito à abertura de novas rotas marítimas comerciais de grande envergadura, particularmente a Rota do Mar do Norte, este trabalho parte de uma análise geopolítica da Eurásia no pós Guerra Fria, para avaliar como o potencial existente na região pode contribuir para tornar a Rússia mais relevante no xadrez geopolítico eurásiano.

Palavras-chave: Ártico, Rússia, Eurásia, Passagem do Nordeste.

ABSTRACT

The present work aims to comprehend the Russian strategy towards the Arctic, in order to evaluate whether the geoclimatic changes caused by global warming in this region can generate relevant opportunities for the Russian economic growth that contribute for the resumption of its hegemony in the Eurasian region. In the hypothesis that Russia, as the most influential member of the Arctic Council, endowed with the world's biggest and most technological icebreaker fleet, can benefit from changes in the geography of that region, both for the exploration of energy resources, such as oil and natural gas, and regarding the opening of new large-scale commercial maritime routes, particularly the Northern Sea Route (NSR), this work starts from a geopolitical analysis of post-Cold War Eurasia to evaluate how the existing potential in the region can contribute to make Russia more relevant in the Eurasian geopolitical chessboard.

Keywords: Arctic, Russia, Eurasia, Northeast Passage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Motivação e pertinência.....	8
Escopo do trabalho.....	9
Objetivos	9
Estrutura do trabalho.....	10
1. A GEOPOLÍTICA EURASIANA.....	11
1.1. Conceitos da Geopolítica Eurasiana	11
1.2. O contexto geopolítico europeu pós Segunda Guerra Mundial	14
1.3. A Europa no pós-Guerra Fria.....	16
2. A GEOPOLÍTICA RUSSA.....	20
2.1. Panorama geral da posição ocupada pela Rússia durante a Guerra Fria.....	20
2.2. Impactos da queda da URSS para a geopolítica russa durante a década de 1990	21
2.3. A era Putin e o reposicionamento da Rússia como grande potência	23
3. AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E A OPORTUNIDADE ESTRATÉGICA PARA A RÚSSIA NO ÁRTICO.....	29
3.1. As mudanças climáticas e seus impactos na geopolítica eurásiana	29
3.2. Os recursos energéticos.....	34
3.3. A nova rota marítima comercial do Ártico	36
3.3.1. A frota naval russa e a Rota do Mar do Norte.....	38
3.3.2. Rota do Mar do Norte vs. Canal de Suez	39
3.4. Bases de infraestrutura e apoio logístico	40
3.5. Militarização do Ártico.....	42
CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>The natural seats of power</i>	12
Figura 2 - Mapa político da Europa durante a Guerra Fria	16
Figura 3 - Estados membros da OTAN no continente europeu até 2020	18
Figura 4 - Sistema de gasodutos russos para a Europa.....	24
Figura 5 - Gráfico do PIB da Rússia de 1992 a 2011	25
Figura 6 - Bandeira russa no fundo do Oceano Ártico	27
Figura 7 - <i>Temperature Anomalies over Land and over Ocean</i>	29
Figura 8 - Continentes asiático e americano separados pelo Oceano Ártico (em verde)	30
Figura 9 - <i>Summer Ice Extent 1970 -2100</i>	31
Figura 10 - Cordilheiras de Lomonosov e Mendeleev no fundo do Oceano Ártico	32
Figura 11 - <i>Oil and Gas in Arctic Russia</i>	35
Figura 12 - Principais rotas marítimas no Ártico	37
Figura 13 - <i>Arktika</i> - maior navio quebra-gelo nuclear do mundo	38
Figura 14 - Rota do Mar do Norte vs. Rota via Canal do Suez	40
Figura 15 - Bases de infraestrutura e apoio logístico	41
Figura 16 - Mapa de militarização russa no Ártico em 2015	43

INTRODUÇÃO

Motivação e pertinência

No presente século, assuntos acerca do aquecimento global e suas consequências para o planeta e para a vida humana têm se tornado cada vez mais notáveis. Ao passo que os debates entre ambientalistas, empresários e políticos se intensificam, alguns países, como os do Círculo Polar Ártico e especialmente a Rússia, parecem se beneficiar desse forte aumento de temperatura na superfície do planeta, tanto em suas porções terrestres como nos mares e oceanos.

No campo geopolítico, mudanças nas características geográficas de um local podem influenciar diretamente a política de uma nação e proporcionar facilidades ou dificuldades inerentes a tais alterações. Sendo assim, motivado pelas significativas mudanças climáticas que trouxeram uma nova perspectiva para a política externa russa, o trabalho de pesquisa se propõe a abordar, inicialmente, a formação das relações geopolíticas existentes na região da Eurásia com a finalidade de estabelecer uma base sólida para compreender como a Rússia tem se relacionado com a Europa e com a China numa tentativa de retomar seus tradicionais espaços de potência hegemônica na região, perdida ao fim da Guerra Fria, com a dissolução da União Soviética. Nesse contexto, de forma a manter seus interesses em sua área de influência, particularmente desde o segundo mandato do presidente Putin, a política externa russa tem provocado elevadas tensões na Europa a partir de movimentos expansionistas, que visam a manutenção do interesse nacional e econômico russo e a contenção do contínuo avanço da influência da OTAN naquele continente.

Em vista disso, nesse momento em que a Rússia se encontra em busca de retomar seus tradicionais espaços na região, as oportunidades que surgem no Ártico podem influenciar diretamente sua relação com os países vizinhos do leste europeu, promovendo integração e reduzindo as atuais tensões, em face a sanções econômicas aplicadas pela União Europeia. Todavia, além de questões associadas aos países de seu entorno estratégico, o trabalho pretende trazer uma abordagem macro para avaliar o potencial existente na região do Ártico em inserir a Rússia como uma grande potência ressurgente disposta a ocupar o seu lugar numa estrutura de poder multipolar. A abertura de novas rotas marítimas internacionais que tangenciam sua costa, seu posicionamento na região através da ampliação da infraestrutura portuária e de bases militares, a exploração de recursos energéticos, além da expansão de sua frota naval, em especial com o avanço na construção de navios quebra gelo de propulsão nuclear e de bases civis para

monitoramento e apoio a travessia de grandes volumes de carga para o comércio internacional são motivações que reforçam a confecção desse trabalho de pesquisa e serão abordadas ao longo do trabalho para analisar o atual posicionamento russo na região e suas consequências na atual Ordem Mundial.

Escopo do trabalho

A pesquisa se propõe a apresentar uma breve contextualização da formação do cenário geopolítico eurasiático envolvendo conceitos e fatores que o tornaram numa região de disputa política e territorial por diversos povos até os dias atuais, todavia o enfoque se deu de maneira mais pertinente no que diz respeito à geopolítica russa voltada para o seu entorno estratégico na Europa, no pós Guerra Fria e as recentes oportunidades que se apresentam no Oceano Ártico, em virtude do aquecimento global, o qual tem afetado diretamente a geografia da região, especialmente com a redução das densas camadas de gelo dispostas por quase totalidade do oceano, ampliando as possibilidades de geração de riqueza associadas à exploração de recursos energéticos como petróleo e gás natural e a ampliação da trafegabilidade marítima comercial para os países da região.

Objetivos

O objetivo deste trabalho é analisar de que forma a Rússia pode aproveitar a oportunidade que está surgindo no Ártico, em virtude do aquecimento global, para se reafirmar como potência hegemônica da região eurasiática. O cenário geopolítico atual envolve disputas de interesse na região e preocupações com o meio ambiente global, portanto, de forma a alcançar tal objetivo, se fez necessário entender, de maneira complementar, algumas variáveis afetas a temperatura dos oceanos ao longo dos últimos anos, ao tráfego marítimo comercial, a capacidade tecnológica-industrial russa para renovação e ampliação de suas bases navais e navios quebra-gelo, e perspectivas futuras para o controle marítimo, particularmente na Passagem do Nordeste, assim como os desafios a serem superados, em especial no que diz respeito a ascensão chinesa no continente e seu ímpeto na extensão da Nova Rota da Seda, que se ramifica também para o Ártico, no que a China denominou de Rota da Seda Polar (CHINA'S ARCTIC POLICY, 2018).

Estrutura do trabalho

O trabalho é composto por seis seções, estruturadas em uma seção para a introdução, seguida por três capítulos atinentes ao desenvolvimento da pesquisa, uma seção para a conclusão e por fim, uma sexta seção para as referências bibliográficas, e podem ser resumidos da seguinte maneira:

A introdução, no qual este item encontra-se inserido, abrange uma introdução propriamente dita a respeito do tema a ser abordado durante o trabalho de pesquisa através dos aspectos relativos ao que motivou a confecção deste trabalho, demonstrando pontos pertinentes a sua elaboração, seguido pelo escopo e os objetivos que se desejam alcançar ao término da pesquisa, bem como sua estrutura a ser empregada.

O capítulo 1 apresenta conceitos da geopolítica eurásiana e promove um entendimento histórico em âmbito europeu a partir do término da Segunda Guerra Mundial que servirá como base para entender o contexto geopolítico atual da formação da política externa russa e da relação da Rússia com os países do seu entorno estratégico.

O capítulo 2 aborda características da geopolítica russa, desde a sua posição durante a Guerra Fria até as suas ambições nos dias atuais, sob o governo do presidente Vladimir Putin. O capítulo se faz necessário para compreender a evolução e/ou afirmação do pensamento russo, os impactos sofridos com o fim da União Soviética, especialmente na década de 1990 e a reascensão e reposicionamento político e econômico da Rússia na era Putin, com considerações e ambições que podem transformar o contexto geopolítico na região eurásiana.

O capítulo 3, por sua vez, atenta a parte central do projeto de pesquisa com as devidas considerações a respeito das oportunidades que surgem para a Rússia no Ártico em consequência do derretimento das geleiras, provocado pelo aquecimento global. Ao término do capítulo, espera-se que o leitor compreenda os impactos que o aumento contínuo da temperatura do planeta pode causar na geopolítica eurásiana e de que forma a Rússia pode se beneficiar em relação a tais alterações, que promovem oportunidades especialmente na exploração de recursos energéticos, como petróleo e gás natural e na abertura de novas rotas marítimas comerciais, além de abordar como a Rússia pode se posicionar na região através da expansão de sua frota marítima, bases de infraestrutura de apoio logístico e militar.

A conclusão traz as considerações finais inerentes ao potencial a ser explorado e desenvolvido pela Rússia no Ártico, já abordados ao longo de todo o trabalho de pesquisa.

Por fim, a última seção destina-se a apresentação das referências bibliográficas utilizadas ao longo deste trabalho.

1. A GEOPOLÍTICA EURASIANA

1.1. Conceitos da Geopolítica Eurasiana

A geopolítica eurásiana é um tema de bastante relevância e, como campo de estudo de diversos geopolíticos contemporâneos, merece atenção especial em uma discussão que envolve aspectos de hegemonia na região euroasiática. Sendo assim, é necessário ressaltar conceitos interessantes que influenciaram na tomada de decisão de países como os Estados Unidos da América, Inglaterra, França, Alemanha e União Soviética ao longo do último século e continuam influenciando os embates existentes no campo geopolítico e estratégico do presente século, naquela região.

Todavia, antes de apresentar os principais conceitos que permeiam a região eurásiana em busca de entender as causas de disputas territoriais, políticas e sociais, o conceito de geopolítica precisa ser aqui definido. Segundo o cientista político e geoestrategista Zbigniew Brzezinski, o conceito de geopolítica “refere-se à combinação de fatores geográficos e políticos que determinam a condição de um Estado ou região, enfatizando o impacto da geografia sobre a política” (apud TEIXEIRA JÚNIOR, 2017 p. 33).

Deste modo, tal definição será importante para a compreensão da estratégia da política externa russa que será abordada com mais detalhe ao longo deste trabalho, tendo em vista que a geografia russa, sendo um país de grande dimensão envolto por uma série de outros países e sem fronteiras naturais significativas que o dê proteção, têm determinado a sua política expansionista tanto para sua segurança e sobrevivência ao longo da história, quanto para lhe prover acesso aos oceanos como forma de escoar sua produção e promover a abertura de sua economia para o mercado mundial.

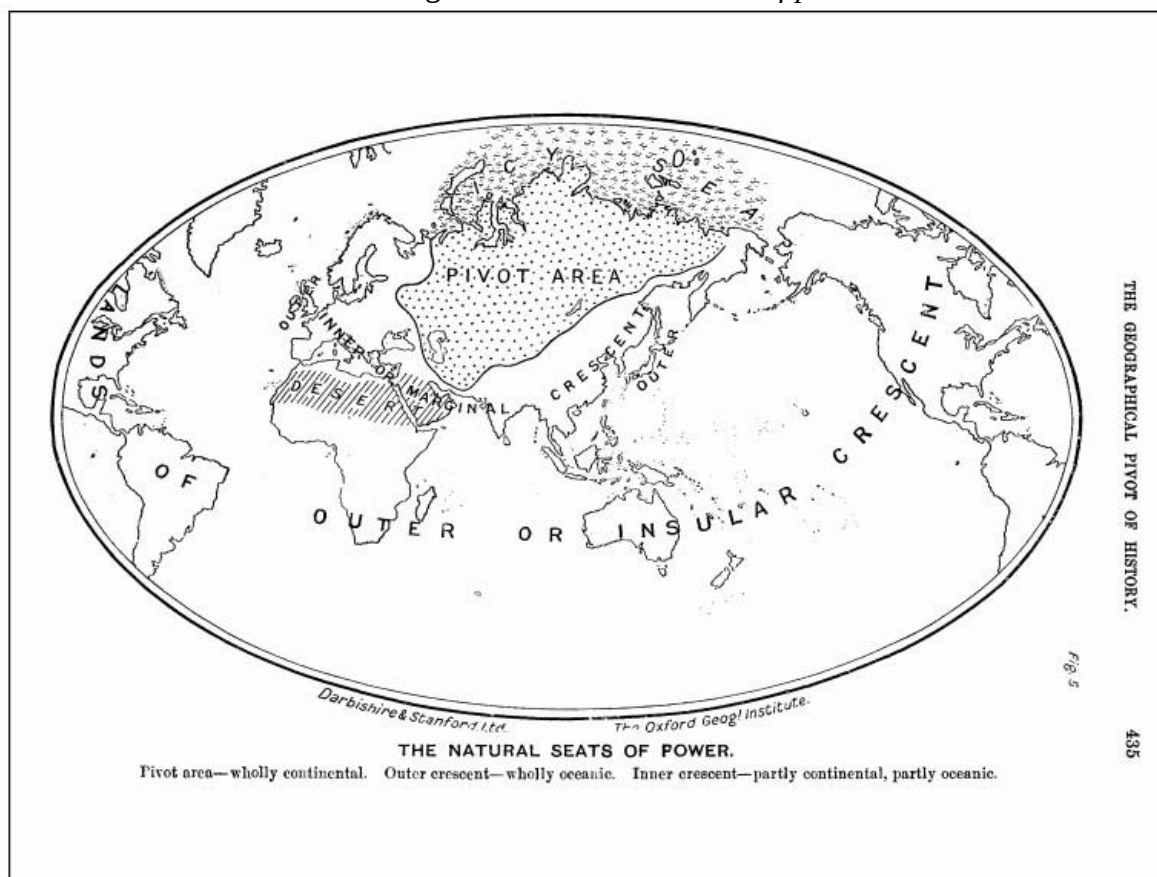
É com o contexto histórico de disputa de poder entre os povos da região euroasiática e após um longo cenário de disputa de supremacia entre o poder marítimo e o poder terrestre, que o geógrafo Mackinder formula sua teoria do poder terrestre, considerada um dos grandes pilares da geopolítica do século XX. Para Mackinder, a visão tradicional da Europa no centro do mundo advinda de Mercator era relativa e em sua proposta passou a adotar uma subordinação da Europa a dinâmica da história asiática, integrando-a a um sistema político fechado de âmbito mundial.

Sendo assim, ele passa a observar a geografia de um novo ponto de vista em que o continente europeu passa a ser o setor oeste de uma grande porção terrestre formada pelos continentes asiático, africano e europeu. À essa extensa porção, unificada, ele vai chamar de Ilha Mundo, a qual estaria envolta por um único oceano ou o Grande Oceano, o qual é a união

dos vários oceanos denominados distintamente até os dias de hoje. Partindo deste ponto, ele passa a observar as américas e a Austrália como ilhas continentais ao redor da grande Ilha Mundo que abrange dois terços de toda área terrestre do planeta.

Na sequência, Mackinder elabora o conceito geopolítico de área-pivô ou *Heartland*, visível na Figura 1, como um local de extensa planície no território compreendido massivamente onde hoje encontra-se delimitado o território russo e alguns países do leste europeu, além de regiões no entorno com alta capacidade petrolífera. Tal região era fisicamente inacessível ao poder marítimo favorecendo o crescimento do poder terrestre, por se encontrar envolto por quatro áreas marginais: a Europa, o Oriente Próximo, a Índia e a China, que serviam como uma zona amortizadora onde entravam em choque os poderes terrestre e marítimo. A essa região, Mackinder conceituou como o Crescente Interior, na qual seria campo de expansão periférico da potência terrestre que dominasse o *Heartland*. (MELO, 1999).

Figura 1 - *The natural seats of power*



Fonte: *The Geographical Pivot of History*, 1904.

O Crescente Exterior também surge como um outro conceito, que diz respeito a uma área além do grande oceano, onde potências marítimas como EUA, Inglaterra e Japão estavam a salvo de conflitos diretos com o poder terrestre dominante presente no *Heartland*.

Por fim, em relação a Mackinder se faz necessário destacar uma de suas ricas conclusões, que se deu após a Primeira Guerra Mundial, quando sugeriu às potências vitoriosas, nas negociações de paz, a criação de um cordão sanitário ou uma cadeia de Estados tampões, que impedisse uma aliança entre a Europa Oriental e a Rússia, pois expressava: “*Who rules East Europe commands the Heartland; who rules the Heartland commands the World-Island; who rules the World-Island commands the world*” (MACKINDER, 1942). Apesar da sua implementação, as forças nazistas iriam rompê-lo anos à frente quando da eclosão da segunda grande guerra e o conceito do *Heartland* se tornaria decisivo no conflito ao passo que para a Alemanha a sua posse garantiria o tão desejado espaço vital e para a Rússia possibilitaria um retraimento planejado para derrotar os alemães em seu território ao passo que permitiu trocar espaço por tempo e contra-atacar as tropas alemã numa condição climática mais favorável, além de impor sérias dificuldades logísticas àquele exército, que se viu derrotado pela junção da Rússia, como potência terrestre, com as potências marítimas EUA e Inglaterra.

Um outro geoestrategista que abordou o tema foi o Nicholas Spykman que, com o pensamento geopolítico influenciado por realistas como Hobbes e Maquiavel e, diferentemente da visão do Mackinder, formulou seus conceitos baseados principalmente no equilíbrio de poder através de alianças para impedir a formação de um Estado hegemônico. Partindo de uma perspectiva norte-americana, Spykman abordou o risco do isolacionismo para a política de seu país ao observar à oeste do pacífico o avanço do império japonês e à leste do atlântico uma Europa liderada pelos alemães. O principal conceito geopolítico trazido por Spykman é o conceito do *Rimland*, como uma área que ao ser controlada, dominaria toda a Eurásia e consequentemente controlaria os destinos do mundo. O *Rimland* partilha basicamente da mesma área geográfica do Crescente Interior, formulado por Mackinder, e se tornaria no período da Guerra Fria uma área chave para a política de contenção norte-americana ao expansionismo soviético. (MELO, 1999).

Tamanha a relevância, o cientista político e ex-conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos Zbigniew Brzezinski, fez uso dos conceitos abordados por Mackinder e Spykman em seu plano estratégico para abordar uma política norte americana de contenção do *Heartland* pelo *Rimland* e dessa forma lograr êxito para a política estadunidense durante a Guerra Fria. Sob seu ponto de vista, prevalecer é vencer, e essa síntese respalda a sua obra *Game Plan*, quando fica claramente comprovado empiricamente a sua tese a partir dos

resultados da prevalência histórica, econômica, científica e tecnológica dos EUA sobre seu antigo rival na luta pela primazia mundial. (MELO, 1999).

A maneira como foi travada a Guerra Fria em território Europeu será abordada a seguir na tentativa de compreender as consequências dessa visão geopolítica na Eurásia, desta feita em termos práticos, a qual servirá de base para auxiliar no entendimento da dinâmica da política externa desenvolvida pela Rússia nos dias de hoje e suas relações com os países europeus.

1.2. O contexto geopolítico europeu pós Segunda Guerra Mundial

A Europa foi o grande teatro geopolítico do século XX. Repleta de tensões que resultaram nas duas grandes guerras, aquele espaço geográfico se tornaria em uma grande área de disputa estratégica durante toda a Guerra Fria. Como abordado no item anterior, os conceitos de *Mackinder* e *Spykman* teriam grande relevância no tabuleiro de xadrez dos países vitoriosos da Segunda Guerra Mundial. Se de um lado a URSS, ao ocupar a Alemanha antes dos EUA, tinha o interesse em manter aquele território e toda a Europa sob sua influência, do outro, os EUA não aceitariam o elevado risco de ver concretizar-se uma união entre esses povos que pudesse provocar um desbalanceamento de forças a favor dos soviéticos no cenário global.

Em 1946, o discurso de Winston Churchill no Westminster College (EUA) já apontava que as tensões presentes entre os países Aliados fariam com que a Europa fosse dividida em dois blocos, um capitalista e um socialista, através de uma linha imaginária que ele denominou de cortina de ferro:

De Stettin, no Báltico, a Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre o continente. Atrás daquela linha todas as capitais de antigos Estados do Centro e do Leste europeu, Varsóvia, Berlim, Praga, Viena, Budapeste, Belgrado, Bucareste e Sofia, todas elas famosas cidades, e suas populações vivem no que se poderia chamar de esfera soviética e todos estão sujeitos, de uma forma ou de outra, não apenas à influência soviética, mas em crescente medida ao controle de Moscou (CHURCHILL, 1985 apud BARROS, p. 20).

No lado norte-americano, o Presidente Harry Truman conduziu a política americana a uma nova postura, em contrapartida ao isolacionismo praticado pela Doutrina Monroe. Tal política, voltada apenas para a América, não era uma opção do ponto de vista político, econômico e militar, sendo dever estadunidense evitar a consolidação do bloco socialista por toda a Europa. Foi desenvolvida então a Doutrina Truman (1947), com o objetivo de conter a expansão soviética pós Segunda Guerra Mundial, visando garantir a liberdade e a democracia através do avanço do capitalismo pelo mundo. Para sua implementação surge então o Plano

Marshall ou *European Recovery Plan*, como uma forma de enviar esforços financeiros para a reconstrução de toda a Europa, aumentando a área de influência capitalista naquele continente.

No lado da União Soviética, como não poderia ser diferente, o Plano Marshall não seria aceito, e ainda no ano de 1947, seria criado o Plano Molotov, com o objetivo de recuperar a economia dos países do leste europeu, sob sua área de influência a fim de impedir que a influência do bloco capitalista se estendesse sobre o bloco soviético.

A rivalidade continuava a crescer entre os blocos ao passo que, após testes nucleares bem-sucedidos pela URSS em 1949, a Guerra Fria veio a tomar grandes proporções, levando os países da Europa Ocidental a procurar formas de se manterem minimamente seguros.

É nesse sentido, e com base na Doutrina Truman, que é fundada a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (1949), aliança militar com a finalidade de constituir um sistema de defesa coletivo que envolvesse os Estados Unidos e assegurasse a defesa mútua em caso de ataque externo a um de seus membros, como podemos constatar no seu artigo 5º:

Artigo 5º:

As Partes concordam em que um ataque armado contra uma ou várias delas na Europa ou na América do Norte será considerado um ataque a todas, e, consequentemente, concordam em que, se um tal ataque armado se verificar, cada uma, no exercício do direito de legítima defesa, individual ou colectiva, reconhecido pelo artigo 51.º da Carta das Nações Unidas, prestará assistência à Parte ou Partes assim atacadas, praticando sem demora, individualmente e de acordo com as restantes Partes, a ação que considerar necessária, inclusive o emprego da força armada, para restaurar e garantir a segurança na região do Atlântico Norte. (TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE, 1949, p. 01).

Em contraparte, e em resposta direta ao ingresso da Alemanha Ocidental na OTAN, é formada uma aliança militar envolvendo a União Soviética e os países socialistas do Leste Europeu através do Pacto de Varsóvia (1955), também com a finalidade de assegurar a defesa mútua entre os países da sua área de influência e impedir a expansão da OTAN por toda a Europa.

Na Figura 2 podemos ver um recorte da Europa durante o período da Guerra Fria, com a zona de influência do bloco capitalista no ocidente e a zona de influência do bloco socialista no leste europeu, delimitados pela cortina de ferro descrita por Churchill. É possível observar ainda os países que aderiram ao Plano Marshall, bem como os Estados membros da OTAN em contrapartida aos Estados que aderiram ao Pacto de Varsóvia.

não reinou imediatamente nesse momento, já que a retomada da autonomia de alguns países e a declaração de independência de outros vieram através de movimentos nacionalistas conflituosos e sangrentos.

O Pacto de Varsóvia, por conseguinte, também foi extinto com a queda do império soviético e, a maioria das ex-repúblicas socialistas soviéticas passando por um momento de crise financeira e econômica, porém com parte de sua infraestrutura integrada dos tempos de União Soviética, decidiram incorporar a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), bloco criado para fins econômicos e manutenção de um sistema comum de defesa, garantindo a soberania de cada país membro, e com a clareza de que a União Soviética não mais existia, como afirma em seu preâmbulo: “Nós, a República da Bielorrússia, a Federação Russa, a Ucrânia como os estados fundadores da URSS [...] declaramos que a URSS, como um sujeito de Direito Internacional e realidade geopolítica, deixa de existir” (TRATADO COMUNIDADE DOS ESTADOS INDEPENDENTES, 1991, tradução nossa)¹.

A Rússia, como país de maior relevância e que, ao lado da Bielorrússia e Ucrânia, teve a iniciativa da criação do bloco econômico, passa a manter uma posição de influência sobre as ex-repúblicas socialistas soviéticas até os dias atuais. No capítulo 2 deste trabalho, quando da exposição da política externa russa no governo Putin, será mais bem delineada a tentativa Russa de manter a área de influência herdada da URSS no leste europeu, frente à expansão da OTAN na região.

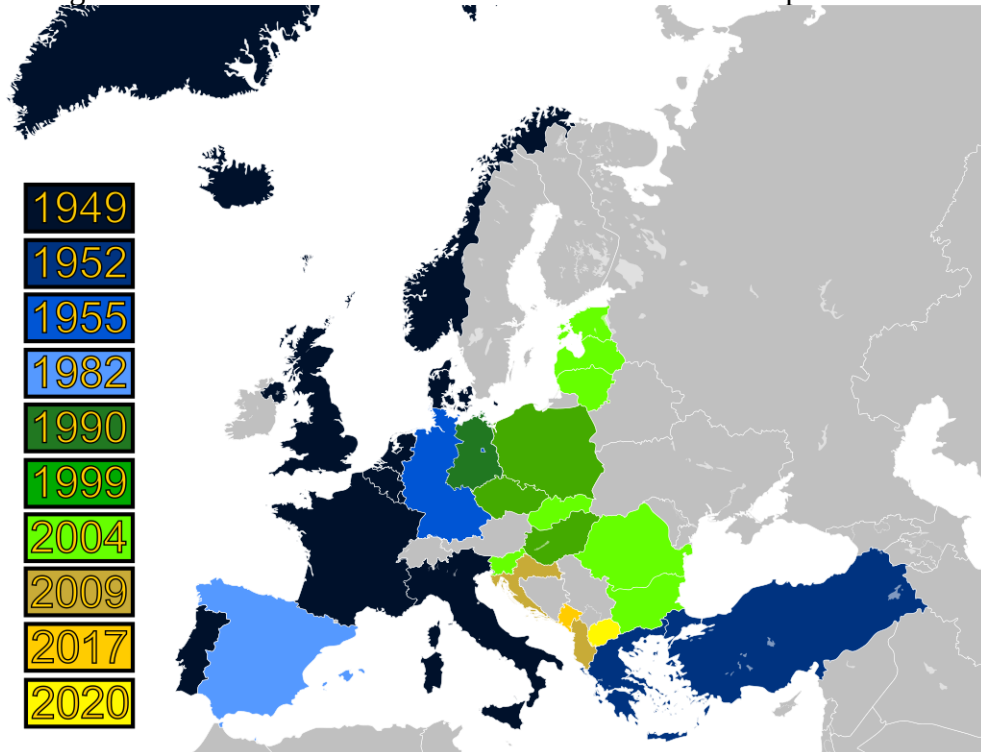
A Organização do Tratado do Atlântico Norte, por sua vez, apesar de alguns autores da época, como John Mearsheimer, vislumbrarem a sua dissolução com o término da Guerra Fria: “é a ameaça soviética que mantém a OTAN unida. Descartada essa ameaça ofensiva, provavelmente os EUA abandonariam o Continente” (MEARSHEIMER, 1990, p.52), estabeleceu um novo conceito estratégico em que estabelecia uma nova postura para a Aliança, com foco na cooperação e na estabilidade europeia, sendo um de seus desafios a proteção mútua frente às “instabilidades que podem surgir das graves dificuldades econômicas, sociais e políticas, incluindo rivalidades étnicas e disputas territoriais, enfrentadas por muitos países da Europa Central e Oriental” (THE ALLIANCE'S NEW STRATEGIC CONCEPT PART I - SECURITY CHALLENGES AND RISKS, item 9, 1991).

¹ СОГЛАШЕНИЕ - о создании Содружества Независимых Государств

Мы, Республика Беларусь, Российская Федерация (РСФСР), Украина как государства-учредители Союза ССР, подписавшие Союзный Договор 1922 года, далее именуемые Высокими Договаривающимися Сторонами, констатируем, что Союз ССР как субъект международного права и геополитическая реальность, прекращает свое существование.

O novo enfoque permitiu a continuidade da organização que passou a gradativamente melhorar sua relação com os países do antigo Pacto de Varsóvia e expandir sua influência na região europeia ao longo dos anos seguintes, como é possível observar na Figura 3, ao aderir progressivamente novos membros, em especial os países do leste europeu e dos Balcãs.

Figura 3 - Estados membros da OTAN no continente europeu até 2020



Fonte: Organização do Tratado do Atlântico Norte, Wikipédia.

A expansão da OTAN pela Europa tem sido motivo de crescentes tensões na região durante o presente século, principalmente no que concerne à adesão de países membros da CEI, sob área de influência russa. Nas palavras do presidente russo Boris Nikolayevich Yeltsin, “a expansão da OTAN para o Leste é um erro e um erro sério. Ainda assim, para minimizar as consequências negativas para a Rússia, nós decidimos assinar um acordo com a OTAN.” (YELTSIN, apud THEODORO, 2020).

De acordo com Nikolaev, foi “estrategicamente necessário para a Rússia dar, por enquanto, um apoio "adulador" à política militar dos EUA, mesmo sabendo de sua nocividade tanto para o mundo como para o povo norte-americano (2003)” (NIKOLAEV, 2003 apud PEREIRA e ALENCAR, 2004). Dessa forma, a fragilidade econômica russa e a dialética americana, questionada pela Rússia como enganosa, fariam expandir gradativamente a influência e a área de jurisdição da OTAN na Europa, em meio a várias conversações políticas

entre o presidente estadunidense Bill Clinton e o presidente russo Boris Yeltsin (SAVRANSKAYA e BLANTON, 2018). Todavia, é a partir do reaquecimento econômico durante o governo Putin que a Rússia começa a se restabelecer como potência regional da Eurásia e o aumento das tensões entre a Rússia e a OTAN passam a vigorar na Europa, como será abordado no item 2.3 deste trabalho.

Por fim, é importante ressaltar que através do Tratado de Maastricht (1992), a Comunidade Europeia, futuramente denominada de União Europeia, passa a progredir na integração econômica dos países europeus, com a instituição do euro como moeda única e estável. Tal comunidade passa a ter dezesseis novos membros entre o período de 1995 e 2013, dentre os quais grande parte do conjunto de países do Leste Europeu, formando o maior bloco econômico do mundo, o que fortalece a visão de uma Europa unificada, com capacidade política para lutar por seus interesses na região.

2. A GEOPOLÍTICA RUSSA

2.1. Panorama geral da posição ocupada pela Rússia durante a Guerra Fria

A compreensão da posição da Rússia durante a Guerra Fria se confunde em partes com a posição do bloco socialista soviético, tendo em vista ser a Rússia a maior de suas Repúblicas e Moscou ser o local onde fora estabelecido o comando da União Soviética, centro de onde emanava todo o poder para condução de suas Repúblicas em campanha. Para melhor elucidar o porquê dessa certa ambiguidade, se faz necessário entender as bases da fundação do Império Soviético e algumas percepções obtidas quando da sua queda.

A sua fundação remonta a implicações da Revolução Russa ocorrida entre os anos de 1917 e 1923. No contexto da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa alcançou a sua finalidade com a vitória dos Mencheviques, num primeiro momento, ao instituir uma nova forma de governo parlamentarista na Rússia, e logo na sequência, através da assunção dos Bolcheviques ao poder, liderados por Lênin após longa e sangrenta guerra civil. Movido por uma revolução socialista imediata, Lênin retiraria a Rússia da Primeira Guerra Mundial e assinaria a Primeira Constituição Socialista (1918) que, com forte oposição das potências europeias, levariam a Rússia a um difícil contexto de isolacionismo econômico. Para reverter a situação interna do país, Lênin implementaria um modelo de economia híbrida, conhecido como a Nova Política Econômica (1921-1928), que veio a ser bem-sucedido e proporcionou um alívio ao fardo da participação russa na grande guerra. Em 1922, a República Russa Soviética emitiria sua Segunda Constituição Socialista, desta feita com a proposta de firmar alianças políticas, econômicas e militares com países que quisessem se tornar repúblicas socialistas e assim compor uma União de Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Após a morte de Lênin, Stalin venceria a disputa para o cargo de Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética e implementaria um sistema de planos econômicos quinquenais como instrumento de planificação da economia que surtiria efeito e permitiria que a isolada economia soviética não fosse impactada pela crise do capitalismo no ano de 1929. Tal ocasião se tornou uma grande oportunidade para a União Soviética expandir em número de membros e terminar a Segunda Guerra Mundial com 15 países sob sua jurisdição.

Portanto, quando a Guerra Fria começou, a Rússia como país mais relevante da URSS, com a maior população entre os membros e com sua capital Moscou como centro de comando para a tomada de decisões para a União Soviética, tinha tamanha participação e influência que Serhii Plokhyy, em seu livro “o último império: os últimos dias da União Soviética”, chega a

relatar que “somente em 1991 o mundo realmente compreendeu que a União Soviética não era a Rússia”. (PLOKHY, 2014).

Ao término da Guerra Fria ressalta-se ainda a notoriedade da posição russa na União Soviética quando ela se torna responsável por assumir os compromissos internacionais da antiga união de repúblicas, em especial no que tange a sua dívida externa e seu arsenal nuclear, e assume ainda a posição de membro permanente do Conselho de Segurança da ONU.

A consequência direta do que foi apresentado é que a Rússia ao ser a República base para a fundação da União Soviética, ter legado exclusivamente o arsenal nuclear do Império Socialista e ter recebido como que por herança o assento como membro permanente do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, sempre esteve numa posição de destaque durante a Guerra Fria, como parte significativa da hegemonia da URSS na região eurasiática e isso passaria a delinear toda sua estratégia geopolítica durante os próximos governos até os dias de hoje, como será abordado com maiores detalhes no item 2.3.

2.2. Impactos da queda da URSS para a geopolítica russa durante a década de 1990

Em 1985, Mikhail Gorbachev assumiu o poder como Secretário-geral do Partido Comunista, após o mandato de viés stalinista de Leonid Brezhnev (1964-1982) que ficou marcado negativamente pela desaceleração econômica e pela invasão ao Afeganistão em 1979. Nesse interstício entre Brezhnev e Gorbachev ainda houve os mandatos de Iuri Andropov (1982-1984) e Konstantin Chernenko (1984-1985), de curtíssima duração, incapazes de trazer a mudança necessária para o bloco socialista soviético. Então, a partir de uma visão reformista, na tentativa de reaquecer a economia e o força da URSS, Gorbachev propôs uma mudança gradual no sistema econômico-social através de uma reestruturação econômica (perestroika), como tentativa de reintroduzir os conceitos de livre mercado e de propriedade privada em setores secundários e serviços não essenciais; e de um aumento da transparência política (glasnost), que abrangeria o fim da perseguição aos dissidentes políticos e promoveria a liberdade cultural. Tais medidas não surtiriam o efeito desejado de retirar a economia soviética da crise instalada no governo de seus antecessores, o que culminaria na queda do líder político Mikhail Gorbachev e o desmembramento da União Soviética em 15 novos países. (WELZL, 2003).

É nesse contexto de colapso político-econômico que o presidente da Rússia, Boris Yeltsin, assume com a complicada tarefa de manter sua ex-república relevante no cenário regional. Duas consequências da queda se fazem importantes mencionar: a Rússia assume a

garantia de todos os compromissos internacionais da URSS, em especial no que diz respeito ao controle de todo o arsenal nuclear e a totalidade de sua dívida externa (SHPUY, 2013); e o assento permanente no Conselho de Segurança da ONU passa a ser da Rússia.

À década de 1990 é então marcada pelo governo do Presidente Boris Yeltsin (1991-1999), que visava restabelecer a economia russa, desta feita transformando-a com base em critérios liberais-democráticos, pela tentativa de manutenção do seu status de grande potência na região e por impasses políticos em relação a expansão da área de jurisdição da OTAN para o Leste Europeu.

A criação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) em 1991, como já citada no item 1.3, seria uma tentativa de manter sua influência sobre as ex-repúblicas socialistas soviéticas, estabelecer um sistema de defesa mútua, promover integração econômica com a base da infraestrutura herdada da União Soviética e estabelecer a transição para o sistema capitalista, mantendo a autonomia de cada país membro.

No campo econômico, sua missão era transformar a economia socialista da maior ex-república soviética numa economia de mercado capitalista, reestruturando todo um sistema econômico. Para tal, Yeltsin estabeleceu um programa de reformas radicais com um alto índice de privatizações, que não alcançaram o êxito desejado e, pelo contrário, resultou num período de transição altamente conturbado que culminaria numa redução gradual do PIB ano a ano e numa crise financeira em 1998, um ano antes de sua renúncia ao poder.

No campo político, apesar de sua boa relação com o Presidente americano Bill Clinton, Yeltsin não conseguiria negociar termos adequados que impedissem a expansão da OTAN por sua área de influência. Apesar das negociações iniciais entre o Secretário de Estado dos Estados Unidos James Baker e o líder soviético Mikhail Gorbachev sobre o papel da OTAN em uma Alemanha unificada, onde Baker teria dito que não haveria extensão da jurisdição da OTAN uma polegada a leste e Gorbachev concordado de que qualquer extensão da zona da OTAN era inaceitável (GOLDGEIER, 2016), as negociações durante a gestão de Boris Yeltsin levariam a expansão gradativa da OTAN para toda a Europa.

O período do governo de Boris Yeltsin fica então marcado de um lado por uma fraqueza política que resultaria na expansão da OTAN, reduzindo as antigas fronteiras de influência russa no continente Europeu, mas por outro lado como um período de transformação necessária e difícil, com êxito em romper com os antigos modelos de poder e liderança soviética, evoluindo ao longo de uma trajetória liberal democrática, rompendo com a ideologia e o tipo de governo daquela era. (SHEVTSOVA, 2004).

2.3. A era Putin e o reposicionamento da Rússia como grande potência

A renúncia ao poder de Boris Yeltsin em 1999 levaria Putin a assumir interinamente a presidência da Rússia, que seria consolidada nas eleições no ano seguinte. Contendo em seu repertório as funções de outrora chefe do serviço secreto russo e de primeiro-ministro de Boris Yeltsin, Putin rejeitaria o *yeltsinismo* como estilo e método de governo e estabeleceria uma filosofia de autoritarismo de mercado, em que o líder é a mais importante instituição política, centralizadora das decisões e autoritária no que diz respeito as políticas da nação, mas que em sua gestão contém elementos de reforma demonstrados através de aspectos voltados para o liberalismo econômico (SHEVTSOVA, 2004).

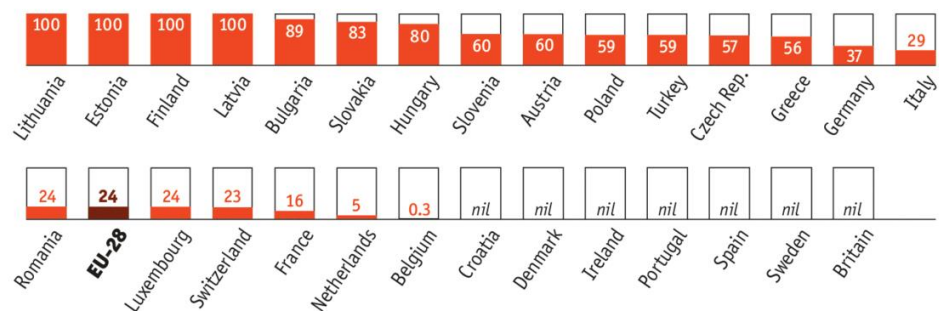
O liberalismo econômico que, por sua vez, foi essencial para reverter a situação de crise política e econômica russa vivida na década de 1990 e encontrar novas formas de abertura econômica aos países do seu entorno estratégico, possibilitando afastar a crise russa e trilhar novos passos em busca de seus tradicionais espaços de hegemonia na região. De uma ex-potência em crise, Putin tornaria a Rússia em um Estado emergente, encontrando na exploração e venda de recursos energéticos, como petróleo e gás, uma maneira de viabilizar o crescimento econômico do país.

A infraestrutura de petróleo e gás da antiga União Soviética seria aproveitada e ampliada para fornecer essas commodities para a Europa, gerando dessa forma uma integração russa com os países do leste europeu e até do ocidente. Seu crescimento e sua estratégia dariam tão certo que, como podemos observar na Figura 4, sua rede viria a interligar toda a Europa e inclusive tornar alguns países altamente dependentes energeticamente da produção russa já em 2012.

Figura 4 - Sistema de gasodutos russos para a Europa



Gas supplied by Russia, % of total, 2012



Source: Eurogas

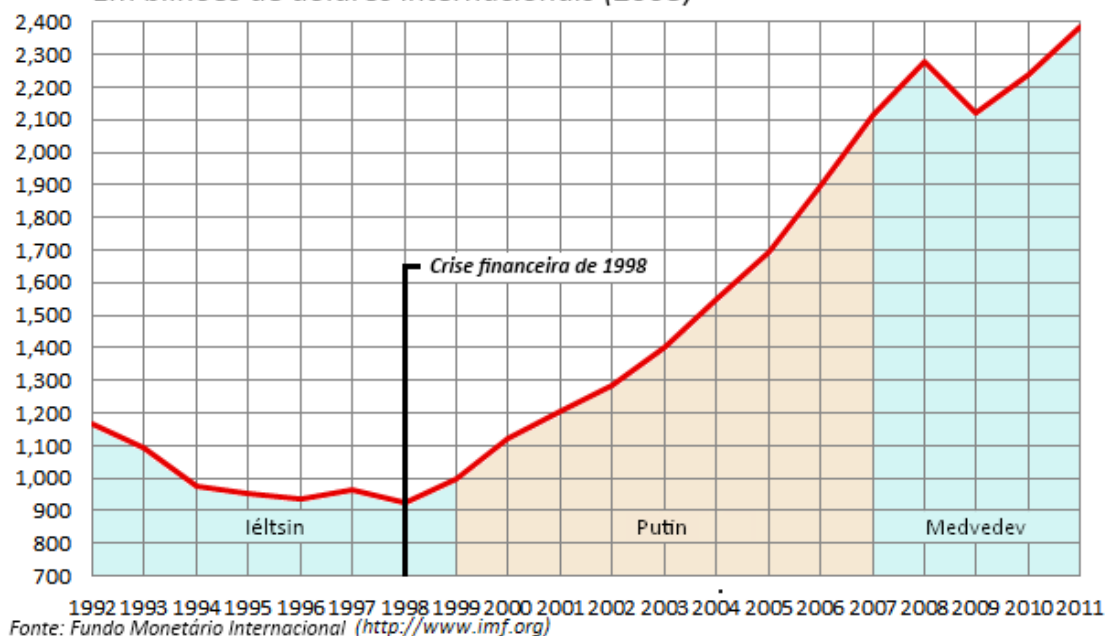
Economist.com/graphicdetail

Fonte: *The Economist*.

Países como a Lituânia, Finlândia e Estônia passariam a ser completamente dependentes da Rússia para manutenção de suas economias no que tange as necessidades energéticas, em especial no abastecimento de gás natural. Em se tratando da União Europeia como um todo é possível visualizar, ainda na Figura 4, uma dependência da ordem de 24% no ano de 2012, que passaria a quase dobrar já em 2017, quando apresentava dependência de 39% no abastecimento de gás natural, assim como uma necessidade energética de 30% nas importações de petróleo e 40% de carvão, também em 2017. (BRITO, 2019).

Foi baseado principalmente nessa estratégia de presença do Estado russo no setor de energia, com o aproveitamento da vasta estrutura herdada da URSS aliado à alta de preços do barril de petróleo *brent* a partir dos anos 2000 (cerca de 26 dólares em 2000 para sua máxima de quase 140 dólares em 2008, segundo *investing.com*) e a necessidade energética dos países europeus, que Putin conseguiu reaquecer a economia russa e emergir como um país com forte tendência de crescimento do PIB durante seus dois primeiros mandatos, como observado na Figura 5.

Figura 5 - Gráfico do PIB da Rússia de 1992 a 2011
PIB (PPC) da Rússia desde a queda da União Soviética
Em bilhões de dólares internacionais (2008)



Fonte: Fundo Monetário Internacional.

Tal estratégia se tornaria o carro chefe para manter a Rússia nos trilhos de crescimento de sua influência e integração junto aos países da Europa e lhe dar fôlego para retomar seus investimentos na área de Segurança e Defesa.

No campo geopolítico, com o fortalecimento econômico e a centralidade do governo em suas mãos, Putin passa a ser mais impositivo nas questões de interesse nacional e resgata parte da essência da União Soviética no que concerne a manutenção de seu “espaço vital” ou de suas áreas de influência na região eurasiática. Para o presidente russo, a implosão da URSS foi um desastre geopolítico e com o seu fim, a Rússia perdeu muito do que é “seu”:

Após o colapso da URSS, a Rússia, que era conhecida como União Soviética ou Rússia Soviética no exterior, perdeu 23,8% de seu território nacional, 48,5% de sua população, 41% do PIB, 39,4% de seu potencial industrial (quase metade de nosso potencial, enfatizo), bem como 44,6% de sua capacidade militar devido à divisão das Forças Armadas soviéticas entre as ex-repúblicas soviéticas. (apud TOMÉ, 2018, p. 76, tradução nossa).²

Para Putin, a OTAN e a União Europeia continuam ampliando o antigo cordão sanitário para as proximidades de sua fronteira, atuando sobre o *Rimland* para contenção do *Heartland*,

² After the collapse of the ussr, Russia, which was known as the Soviet Union or Soviet Russia abroad, lost 23.8 percent of its national territory, 48.5 percent of its population, 41 of the gdp, 39.4 percent of its industrial potential (nearly half of our potential, I would underscore), as well as 44.6 percent of its military capability due to the division of the Soviet Armed Forces among the former Soviet republics. (apud TOMÉ, 2018, p. 76)

provocando uma contínua redução da área de influência russa que não pode ser concebida, tendo em vista que a Rússia precisa do seu “espaço vital” para sobreviver, manter suas relações comerciais e fazer parte de um contexto de segurança multipolar através de um crescimento saudável e pacífico. Na visão de Vasco Rato, “acreditando estar “cercada” pela NATO e pela União Europeia, Moscovo assumiu uma postura crescentemente assertiva que terminaria com as intervenções militares na Geórgia e na Ucrânia”, dando origem a uma “nova guerra fria”. (RATO, 2018).

A anexação da Criméia representa com exatidão a força russa demonstrada no campo estratégico e geopolítico. Pautado pelo seu caráter expansionista dos tempos de União Soviética, a Rússia invadiu militarmente a Ucrânia para anexação da Criméia sob o plano de fundo do Pan-eslavismo para salvaguardar a vida dos russos que ali se fazem presentes em maioria da população. Seu interesse também se faz no campo militar e econômico, tendo em vista que naquela região existe a importante base de Sebastopol e lhe permite acessar o Mar Negro, além de continuar escoando sua produção de gás natural para toda a Europa. O fato da Rússia se impor dessa forma em uma ex-república soviética de sua área de influência, aponta a disposição pela manutenção de seus interesses em termos de uma política eurasianista, mesmo com todos os impactos que poderiam surgir, como as sanções econômicas aplicadas pela União Europeia ou até mesmo possibilidades de acirramentos militares na região. Demonstra ainda a clara oposição russa frente ao alinhamento da Ucrânia com o Ocidente em sua iniciativa de fazer parte da membresia da OTAN.

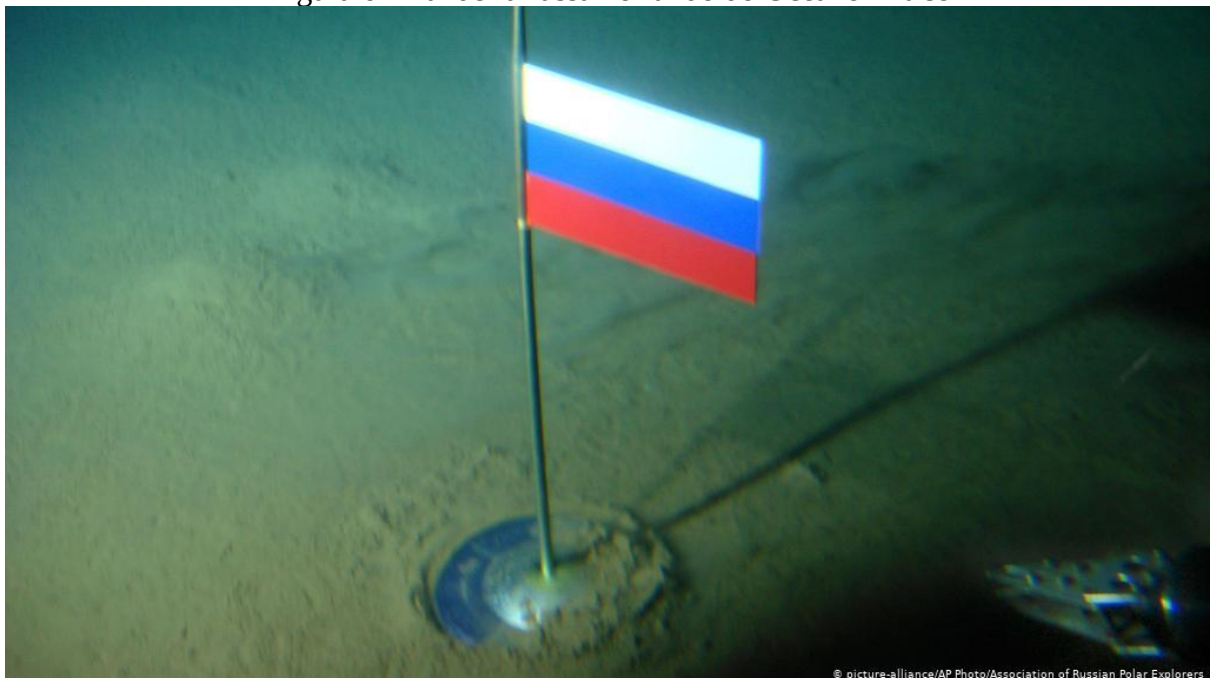
As tensões políticas na sua fronteira com os países da Europa, em especial os do seu entorno estratégico têm por outro lado estimulado a Rússia a buscar novas tratativas, tanto de retomada quanto de expansão de sua influência para novos horizontes, de forma a minimizar as dificuldades enfrentadas pelo “cerco” da OTAN e da União Europeia.

Nesse sentido, é possível observar que a Rússia tem adentrado em diversas alianças e parcerias, além da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), desde o final da década de 1990, de modo a se manter influente em solo eurasiático, das quais podemos destacar sua participação: na Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (1998), a fim de promover o livre comércio e a cooperação econômica entre os países da região; na Comunidade Econômica Eurasiática (2000) que posteriormente se chamaria de União Econômica Eurasiática (2015), a fim de promover a cooperação econômica e comercial na região; no Quarteto do Oriente Médio (2002), a fim de mediar o processo de paz no conflito árabe-israelense; no Grupo dos Seis (2003), a fim de intermediar soluções pacíficas em relação ao desenvolvimento de programas nucleares; no BRICS (2009), a fim de promover uma cooperação política e econômica com

países emergentes; na Organização para Cooperação de Xangai (2001), que permitiu uma relação de boa vizinhança e cooperação amigável com a China, construída “sobre uma lógica multipolar e orientada inequivocamente para indicar um possível formato de oposição estratégica ao mundo unipolar e à exclusiva hegemonia americana” (DUGIN, 2016, p. 117, apud NUNES e SILVA, 2018).

Nesse olhar estratégico de formação de alianças e de busca por oportunidades que lhe permita maior capacidade de influência naquela região é que o Ártico passou a chamar atenção dos russos, em virtude das possibilidades que se apresentariam com os impactos provocados pelo aquecimento global. A força geopolítica russa voltada para a região se mostraria mais expressiva para o mundo quando dois submarinos mergulharam a uma profundidade de cerca de 4.200 metros em uma expedição para fins geológicos que permitam a Rússia expandir sua plataforma continental para além das 200 milhas náuticas de sua costa e fincaram no fundo do Oceano Ártico uma bandeira russa de titânio como é possível observar na Figura 6. Rapidamente a foto se espalhou para o mundo e causou incômodo para o Ocidente, como observado nas palavras do então ministro das relações exteriores do Canadá, Peter MacKay, na emissora de televisão CTV: “não estamos no século 15 [...] não podemos andar por aí e simplesmente colocar bandeiras e dizer “estamos reivindicando este território””. (SHEA, 2018).

Figura 6 - Bandeira russa no fundo do Oceano Ártico



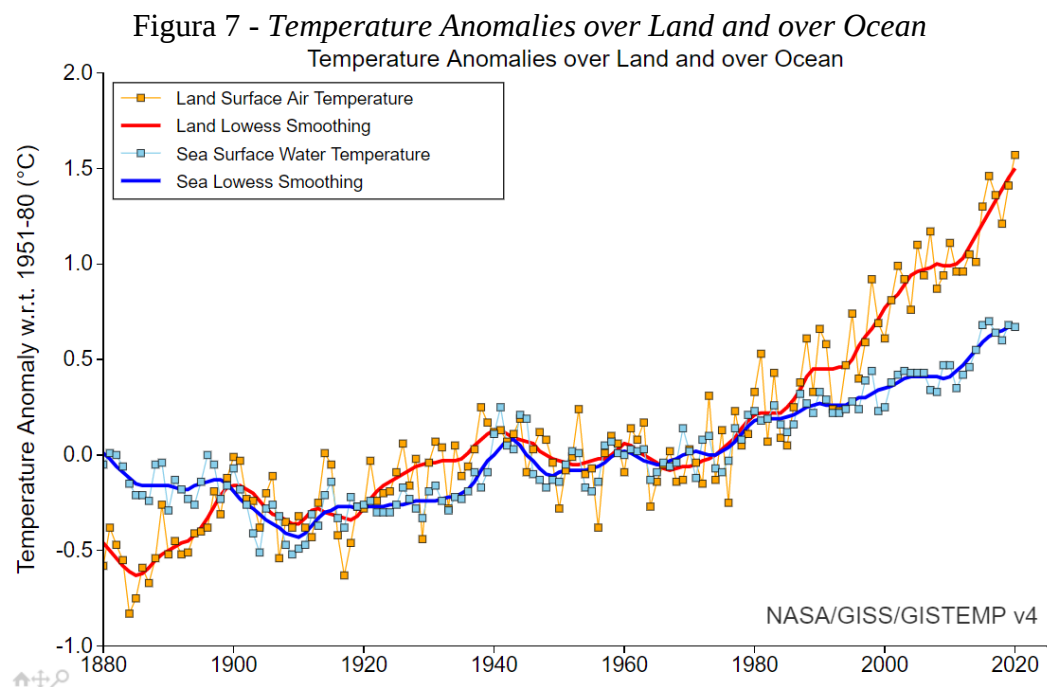
Fonte: Picture-alliance/Ap Photo/Association of Russian Polar Explorers.

A estratégia russa voltada para o Ártico viabiliza um possível retorno à sua hegemonia na região eurásiana, se devidamente aproveitada e se as condições climáticas permitirem. A solução de alguns problemas geopolíticos russo pode ser alcançada por uma boa gestão do Ártico em vários aspectos, especialmente na exploração de seus recursos energéticos e na abertura de rotas marítimas comerciais. No capítulo 3, a dimensão de tais oportunidades, atreladas ao histórico geopolítico russo e a atual política externa do governo Putin, já analisadas durante este trabalho, serão vislumbradas de forma a demonstrar a importância e o potencial daquele espaço para o futuro político e econômico do Estado russo.

3. AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS E A OPORTUNIDADE ESTRATÉGICA PARA A RÚSSIA NO ÁRTICO

3.1. As mudanças climáticas e seus impactos na geopolítica eurásiana

O século XXI tem sido marcado, em grande parte, por preocupações e debates em torno do meio ambiente, sua preservação, sustentabilidade, modelos de *Environmental, social and corporate governance* (ESG), créditos de carbono e afins, e seus impactos causados para as futuras gerações. Não tendo por objetivo do trabalho avaliar tais discussões em relação aos potenciais impactos socioambientais no Ártico, todavia se atendo apenas aos aspectos que possam afetar diretamente na política externa e na estratégia dos países que fazem parte da região, é possível observar na Figura 7, que após meados da década de 1980, ocorre uma forte inclinação na tendência de alta das temperaturas tanto nas superfícies dos continentes, quanto nas superfícies dos oceanos.



Fonte: *Data Nasa Giss Gistemp*, 2021.

Na linha vermelha é possível observar a média da variação de temperatura observada na superfície dos continentes e na linha azul é possível observar a média da variação de temperatura na superfície dos oceanos. Em virtude do alto crescimento apresentado em ambas as linhas, é que o Ártico passou a ser amplamente abordado em termos de influência geopolítica

para os países do Círculo Polar Ártico, a saber, Rússia, Noruega, Suécia, Finlândia, Estados Unidos, Canadá, Dinamarca (Groenlândia) e Islândia.

Pensadores da geopolítica clássica, como Mackinder e Spykman, não deram ênfase na região ártica quando da formulação dos seus conceitos dentro do contexto da geopolítica eurasiática, pois viveram em épocas que não se vislumbrava um ambiente Ártico trafegável e oportuno para desenvolvimento e a exploração de recursos naturais e energéticos. Apesar do Ártico ter sido explorado no contexto da Guerra Fria como um local militarizado que permitia a saída de submarinos russos e a instalação de sistemas de monitoramento e vigilância para dar alerta antecipado para as duas grandes potências, EUA e URSS, tendo em vista que interliga o continente americano e o asiático e pela sua proximidade proporciona menores rotas de deslocamento de mísseis balísticos intercontinentais entre tais países, como é possível observar na Figura 8, é apenas no presente século, inicialmente com a criação do Conselho do Ártico para fins de cooperação, coordenação e interação entre os Estados do Ártico no que tange ao desenvolvimento sustentável e proteção ambiental, que as atenções passam a se voltar com afinco para aquela região, com objetivos econômicos e comerciais. Como observado da definição de Brzezinski, no Capítulo 1, os “fatores geográficos e políticos que determinam a condição de um Estado ou região” estão em transformação, o que impactará diretamente a política de cada Estado Ártico.

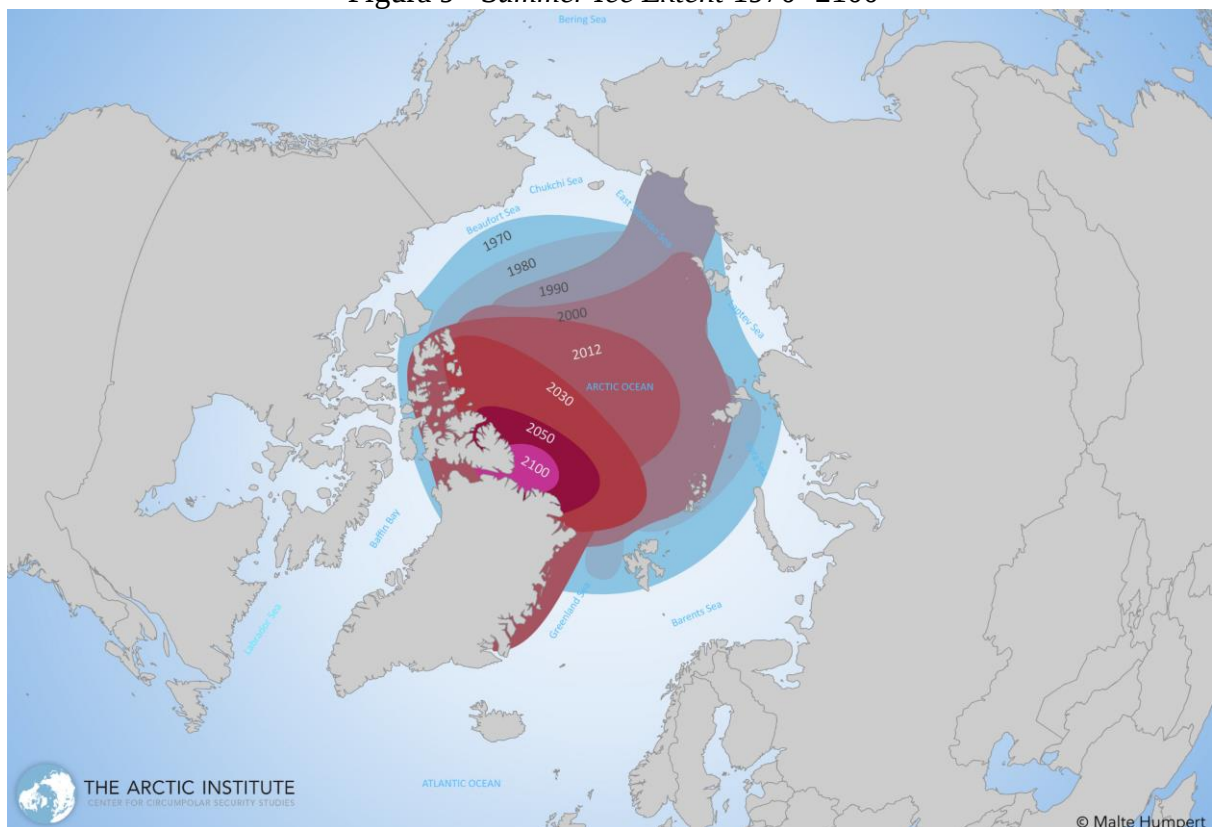
Figura 8 - Continentes asiático e americano separados pelo Oceano Ártico (em verde)



Fonte: website pngwing.com

A transformação que ocorre na geografia do Oceano Ártico, com o seu degelo contínuo, como é possível observar na Figura 9, traz mudanças significativas na forma de se enxergar tal região para o futuro, em especial pelos países que tem sua costa voltada para a região. Na Figura observada é possível identificar, preliminarmente, que a extensão do gelo no verão tem sido cada vez menor ao longo dos anos desde a década de 1970 e que, a região que primeiro se apresenta com uma maior probabilidade de abertura para a navegação parece ser nas proximidades da costa russa, já que a extensão de gelo segue até os anos de 2100 com a previsão de se manter mais densa na costa da Dinamarca (Groenlândia) e do Canadá.

Figura 9 - Summer Ice Extent 1970 -2100



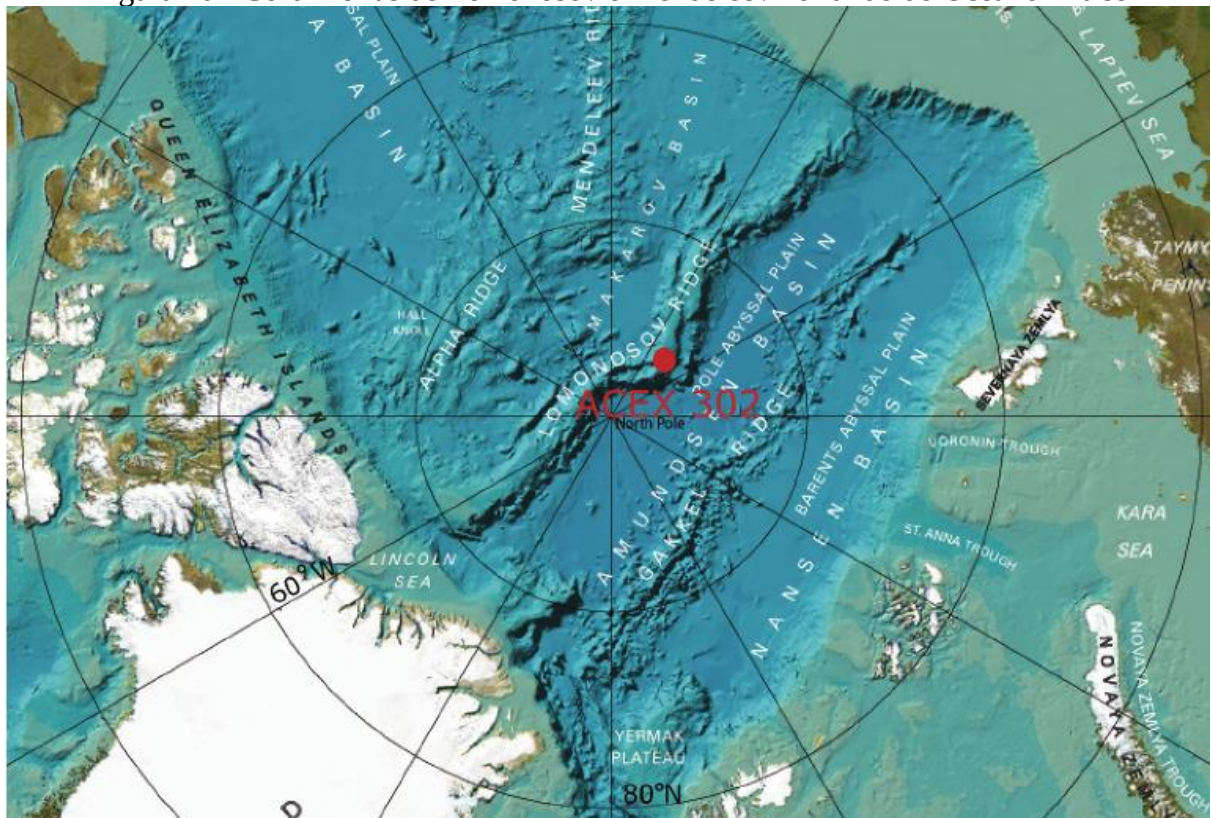
Fonte: *The Arctic Institute*, 2021.

Fato é que a Rússia foi um dos primeiros países a apresentar uma estratégia para o Ártico, em 2009, sob o título em inglês: *The fundamentals of state policy of the Russian Federation in the Arctic in the period up to 2020 and beyond*, no governo de Medvedev, que seria revisada e atualizada em 2013 na gestão Putin, emitida sob o título, em inglês: *The development strategy of the Russian arctic zone for the period up to 2020*. (DA SILVA, 2017). E em outubro de 2020, em linha com os avanços na região, a Rússia emitiu sua mais recente *Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of*

national security for the period to 2035, que estabelece como prioridades estratégicas a exploração dos Recursos Naturais, a infraestrutura da Rota do Mar do Norte e a Defesa. (MEHDIYEVA, 2021).

A Rússia foi também o primeiro país a submeter à Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC), em 2001, o pedido de extensão de sua Plataforma Continental para além das 200 milhas náuticas, tendo seu pleito sido rejeitado naquela ocasião por serem consideradas insuficientes as provas científicas coletadas. Após longo período de pesquisas e coleta de elementos geológicos, como na expedição científica em 2007 que, além de recolher amostras naturais, fincou a bandeira de titânio russa no fundo do oceano, novo pleito foi realizado em 2015, e encontra-se sob avaliação desde então. O ponto focal de impasse se estabelece pela solicitação russa de aclamar para si as cordilheiras de Lomonosov e Mendeleev (observadas na Figura 10) como extensão de 1,2 milhões de km² a sua Plataforma Continental, também reivindicadas pelo Canadá e pela Dinamarca. (DA SILVA, 2017).

Figura 10 - Cordilheiras de Lomonosov e Mendeleev no fundo do Oceano Ártico



Fonte: IMMONEN et al. (2009): *Mineralogical Evidence of Middle Miocene Glacial Ice in the Central Arctic Ocean Sediments.*

Tal solicitação russa encontra-se em linha com sua estratégia para exploração de recursos minerais na região e consubstancia a oportunidade energética que abordaremos no subitem 3.2 deste trabalho.

Além do choque de interesses nessa região central do Ártico, além das 200 milhas náuticas da costa dos países costeiros, a China é um país que demonstra interesse na região. Como membro observador do Conselho do Ártico desde 2013 e com a contínua aproximação com a Rússia, tanto pela proximidade de seus líderes como pela Organização para Cooperação de Xangai (2001), a China expressou em seu Livro Branco, em 2018, seu interesse na região como um braço da sua Nova Rota da Seda, com uma rota que foi denominada de “Rota da Seda Polar” que pode trazer, aliada a exploração e desenvolvimento de recursos, um “enorme impacto na estratégia energética e no desenvolvimento econômico da China”, como é possível observar no trecho abaixo:

A utilização de rotas marítimas e a exploração e desenvolvimento dos recursos no Ártico podem ter um enorme impacto na estratégia energética e no desenvolvimento econômico da China, que é uma importante nação comercial e consumidor de energia no mundo. Espera-se que o capital, a tecnologia, o mercado, o conhecimento e a experiência da China desempenhem um papel importante na expansão da rede de rotas marítimas no Ártico e na facilitação do progresso econômico e social dos Estados costeiros ao longo das rotas. (GABINETE DE INFORMAÇÃO DO CONSELHO DE ESTADO DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2018, apud MUNHOZ e CARLETTI, 2020).

Para o pesquisador chinês Li Zhenfu, da Universidade Marítima de Dalian, na China, “*Whoever has control over the Arctic route will control the new passage of world economics and international strategies.*” (KAZMI, 2020), o que ressalta a importância da China se envolver na região e demonstra a força da oportunidade que se apresenta para a estratégia de retomada da hegemonia russa na região eurasiática. Em termos de economia chinesa ao transferir seu comércio para o Ártico “*chinese analysts share Putin’s optimism, calculating that China could save a staggering \$60–\$120 billion per year solely by diverting trade through the Northern Sea Route*” (RAINWATER, 2013).

Outro grande interessado na abertura do comércio através da região é a Alemanha, que também faz parte da membresia do Conselho do Ártico na posição de observador, e detém uma das maiores marinha mercantes do mundo, assim como um expressivo número de navios de contêineres e companhias voltadas para o mercado de tecnologia marítima. (DUARTE e SUDBRACK, 2016).

Todo esse interesse parece estar alinhado com a estratégia de política externa russa para a região ao passo que possibilita reforçar aspectos de cooperação, integração e formação de alianças que fortalece a visão de multipolaridade de Putin, como ele mesmo expressou:

Eu considero que o modelo unipolar não é apenas inaceitável, mas também impossível no mundo de hoje ... Não há razão para duvidar que o potencial econômico dos novos centros de crescimento econômico global se converterá inevitavelmente em influência política e fortalecerá a multipolaridade. (apud TOMÉ, 2018, p. 77, tradução nossa).³

O momento é sobretudo oportuno já que em quinze de maio deste ano o Conselho do Ártico adotou o seu primeiro Plano Estratégico de dez anos para a região, fato que marca o alinhamento de aspirações entre os Estados Árticos, na reunião que também marcou o início da presidência russa para o período de 2021-2023. Nas palavras do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, o conselho reforça “seu compromisso com a paz, estabilidade e cooperação em altas latitudes, e definiram as principais áreas de promoção da cooperação internacional na região ártica”. (XINHUA, 2021). Cooperação internacional que sobretudo com a China promete gerar uma completa sinergia com as oportunidades russas, ao passo que a respeito da multipolaridade, os dois países têm firmado acordos comerciais nos quais a abundância de recursos minerais russos e a necessidade de crescimento chinesa tendem a se conectar perfeitamente.

Dessa forma, as oportunidades russas para contornar seu isolacionismo (tanto pela dificuldade histórica de saída para o mar, quanto da forte pressão da OTAN expandido para as proximidades de sua fronteira adentrando em seu entorno estratégico, como já abordado neste trabalho), parecem em vias de serem alcançadas através da relevante abertura de possibilidades que se apresentam no Ártico, como serão destacadas no decorrer deste capítulo.

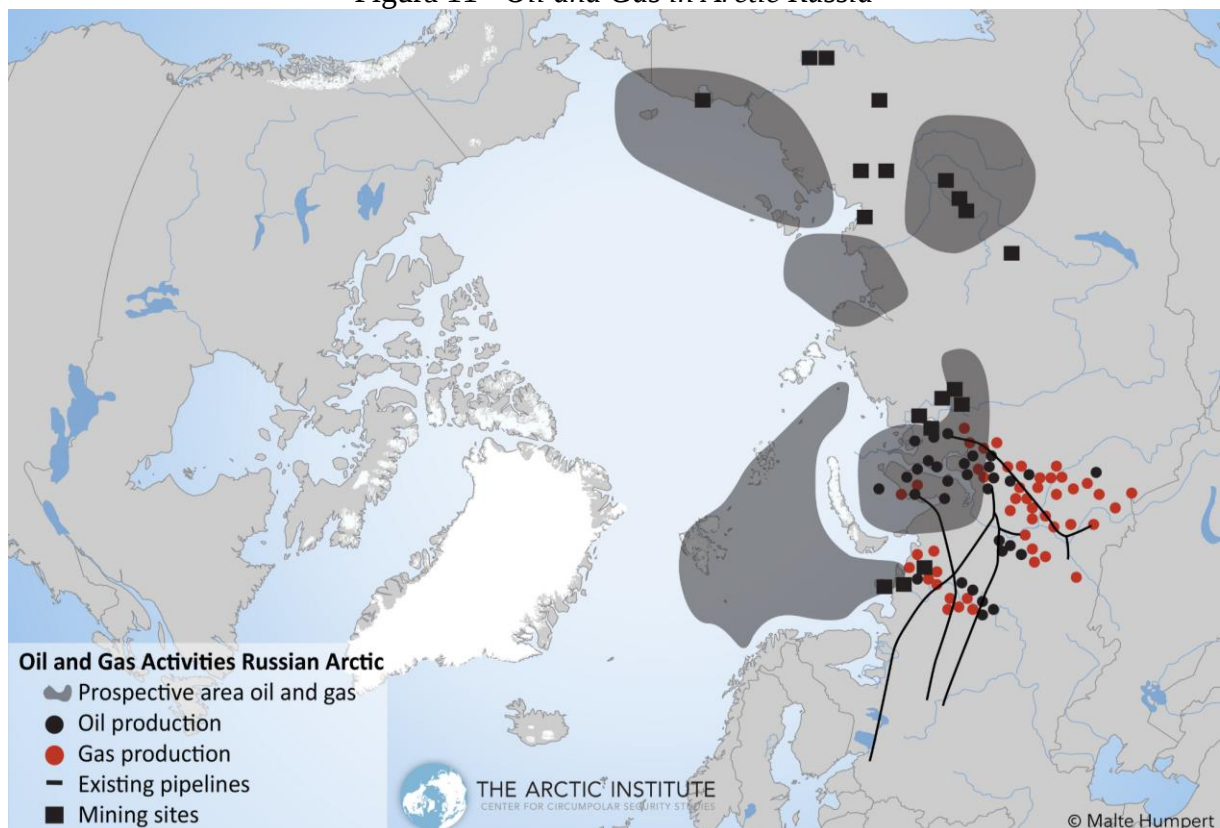
3.2. Os recursos energéticos

Uma das grandes oportunidades no Ártico diz respeito à exploração dos recursos naturais e minerais da região. Na Figura 11 é possível observar as atividades russas no Ártico no que se refere a extração e produção de petróleo e gás natural, além de uma pequena parte de sua rede existente que se conecta a Europa, sendo responsável pela exportação de quantidade significativa para os países da União Europeia, como abordado no subitem 2.3, deste trabalho.

³ *I consider that the unipolar model is not only unacceptable but also impossible in today's world... There is no reason to doubt that the economic potential of the new centres of global economic growth will inevitably be converted into political influence and will strengthen multipolarity.* (apud TOMÉ, 2018, p. 77)

A estratégia de Putin para a recuperação econômica da Rússia a partir dos anos 2000 através do uso da infraestrutura herdada da União Soviética em conjunto com as várias ex-repúblicas do bloco socialista, aliada a assertividade da postura de Moscou na Criméia e em seu entorno estratégico, como abordado no subitem 2.3, deste trabalho, facilita sobremaneira a continuidade da exploração desses recursos ao longo dos próximos anos. Como um dos focos da *Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035*, a exploração de recursos minerais será a base do desenvolvimento socioeconômico russo para os próximos anos. Com 80% do gás natural e 17% de todo o petróleo russo já sendo produzido na região e mais de 85 trilhões de metros cúbicos de gás e 17 bilhões de toneladas de óleo (incluindo condensado) a serem exploradas na atual plataforma continental, como é possível observar na Figura 11, a estratégia russa visa ampliar, até 2035, em cinco novos projetos petrolíferos, 21 projetos de desenvolvimento de minerais sólidos (de diamantes a minerais de terras raras, titânio, quartzo, ouro e carvão) e três novas plantas petroquímicas, além de aumentar sua produção de Gás Natural Liquefeito (GNL), de 8,6 milhões de toneladas em 2018 para impressionantes 91 milhões até 2035. (MEHDIYEVA, 2021).

Figura 11 - Oil and Gas in Arctic Russia



Fonte: *The Arctic Institute*, 2021.

O crescimento econômico russo através da exploração de tais recursos, permitirá ampliar a destinação de verba para a região como um processo que se retroalimenta, permitindo o desenvolvimento sustentável, o crescimento da infraestrutura de suporte e do crescimento de sua frota de navios para escoar a produção para o oriente, em especial para a China, que tem intenso interesse e se torna dependente de acordos bilaterais com países do Ártico para garantir sua crescente economia e o abastecimento dos seus meios de produção. Na visão de GRIEGER:

A China, no entanto, é limitada em suas ambições de colher esses recursos sozinha, porque estão localizados em grande parte em território soberano ou na plataforma continental sobreposta (reivindicada) dos estados litorâneos do Oceano Ártico. Portanto, a China precisa contar com acordos bilaterais de mineração e energia, como os que estão em andamento com o Canadá, a Groenlândia, a Rússia (projeto Yamal LNG) e os EUA. (GRIEGER, 2018, p. 6, apud MUNHOZ e CARLETTI, 2020).

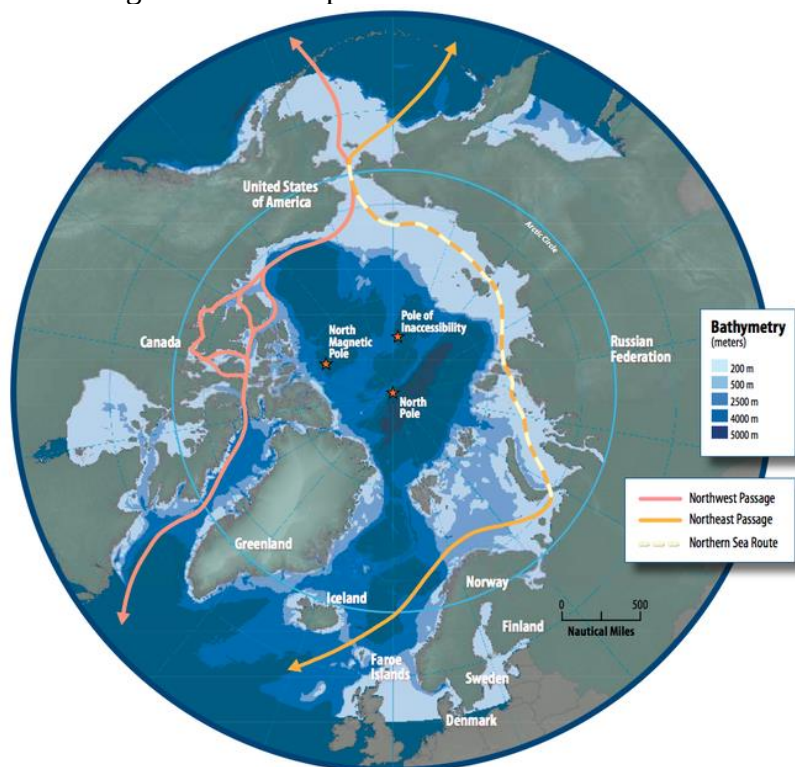
Tal demanda chinesa, por si só, é uma grande oportunidade russa tanto para venda de seus recursos energéticos, quanto para a ampliação de sua frota marítima que permitirá escoar tais produtos para o oriente e encontra-se alinhada com a estratégia de crescimento dentro de uma multipolaridade proposta por Putin para as relações internacionais do planeta.

É de se ressaltar ainda que, em 2008, cerca de 84% do petróleo e gás natural a serem descobertos no Ártico se encontravam em zonas *offshore* (USGS, 2008 apud DA SILVA, 2017) e que a solicitação de expansão da plataforma continental russa pode proporcionar a captação de parte desse potencial ainda inexplorado e aumentar sua capilaridade na atuação de tais empreendimentos energéticos, dos quais país já possui *know-hall* para viabilizar tal operação.

3.3. A nova rota marítima comercial do Ártico

As principais rotas marítimas do Ártico podem ser visualizadas na Figura 12, a saber a Passagem do Noroeste (em vermelho) e a Passagem do Nordeste (em amarelo). O trecho da Passagem do Nordeste que tangencia a costa russa é a chamada Rota do Mar do Norte. Com as rotas visualmente definidas e do observado na Figura 9, é possível concluir que o trecho da Rota do Mar do Norte está sendo mais impactado pelo derretimento das geleiras e dessa forma se encontra gradualmente mais livre a navegação em sua região.

Figura 12 - Principais rotas marítimas no Ártico



Fonte: Passagem do Nordeste, Wikipédia.

A abertura de uma rota marítima ao norte para a Rússia vai muito além do aspecto comercial, que será tratado com maiores detalhes nos itens 3.3.1 e 3.3.2, ao passo que provoca mudanças estruturais na geopolítica russa, possibilitando uma maior abertura de sua economia para o mundo, facilidade de acesso aos mares e até mesmo uma melhor distribuição demográfica dentro do seu território.

Na visão de Mahan, um dos conceitos simples para a formulação da Teoria do Poder Marítimo, é que quem tivesse o controle dos mares teria um poder inigualável, já que o globo é composto por quase 70% de áreas marítimas (CHURRO, 2013 apud GALVÃO, 2018) e um dos aspectos considerados na concepção de sua teoria era o aspecto econômico baseado na capacidade comercial e de produção, demonstrando a importância que o mar tinha para o desenvolvimento das nações e que nesse caso parece conectar diretamente a oportunidade que surge para a Rússia no Ártico, onde existe uma crescente em ambas as capacidades que podem resultar num expressivo crescimento econômico para a nação.

Nesse âmbito, Moscou tem promovido acordos bilaterais e multilaterais para se beneficiar de investimentos estrangeiros e reduzir os impactos provocados pelas sanções econômicas advindos da União Europeia quando da anexação da Criméia, e o contexto internacional parece alinhado com a visão de um crescimento firmado em acordos de

cooperação com o oriente, facilitando a retomada do crescimento econômico russo para evolução de seus tradicionais espaços de hegemonia na região eurásiana.

É trabalhando nessa perspectiva que a estratégia para desenvolvimento do Ártico para 2035 tem estipulado o crescimento da frota naval russa e o crescimento de sua infraestrutura de apoio e portuária, como será abordado nos próximos itens.

3.3.1. A frota naval russa e a Rota do Mar do Norte

Na finalidade de tornar a Rota do Mar do Norte trafegável durante todo o ano, o governo russo tem investido na ampliação de sua frota de navios quebra-gelo, em especial os movidos a propulsão nuclear com capacidade de até 7 anos de navegação autônoma (ROSATOM, 2020) até seu reabastecimento, e a estratégia para 2035 aponta para a construção de pelo menos cinco navios quebra-gelos nucleares do Projeto 22220, o primeiro dos quais, *Arktika*, como é possível observar na Figura 13, tornou-se operacional em outubro de 2020. Já detentora da maior frota de navios quebra-gelo do mundo, a Rússia segue ampliando sua frota e também na construção do navio *Rossiya*, da classe Líder (Projeto 10510), projetado para quebrar gelo ao longo da parte mais difícil da Rota do Mar do Norte, e com isso os massivos investimentos permitirão escoar sua produção de recursos minerais para os países asiáticos e estabelecer a segurança e o controle sobre os trechos intransitáveis do mar de Laptev até os mares da Sibéria Oriental e Chukchi permitindo a navegação comercial durante todo o ano. (MEHDIYEVA, 2021).

Figura 13 - *Arktika* - maior navio quebra-gelo nuclear do mundo



Fonte: <https://nationalinterest.org>

Em 2020, a Rússia já possuía 53 navios quebra-gelo operacionais que quando comparado com as potências econômicas mundiais, EUA e China, com respectivamente 2 e 4 navios operacionais (SPUTNIKNEWS, 2020), fica clara a força da presença russa na região e a capacidade tecnológica e industrial que está sendo direcionada para o Ártico. Tal frota, superior em quantidade e em tecnologia quando comparada aos demais países, aliada a grande frota de submarinos e a expansão da infraestrutura na região, garantem a presença, o controle e a segurança do Ártico.

3.3.2. Rota do Mar do Norte vs. Canal de Suez

Retomando a frase do pesquisador chinês Li Zhenfu, da Universidade Marítima de Dalian, na China, “*Whoever has control over the Arctic route will control the new passage of world economics and international strategies.*” (KAZMI, 2020), algumas razões se mostram a favor do crescimento contínuo do fluxo logístico comercial pela Rota do Mar do Norte, com a continuidade do derretimento das geleiras, o crescimento da frota naval russa e a expansão da infraestrutura da rede portuária e de bases de apoio na região, em comparação com a maior rota comercial do mundo que hoje atravessa o Canal do Suez.

Em primeiro lugar, destaca-se a menor extensão da rota quando comparamos a saída de produtos da China para o norte da Europa ou para os Estados Unidos, e vice-versa. Com cerca de 40% de redução da distância ao compararmos os pontos apresentados na Figura 14, é possível observar que, por si só, tal dimensão pode gerar uma economia de tempo, de deslocamento e de quantidade de combustível, assim como de pagamento de diárias de pessoal empregado para realização do transporte, que pode resultar numa economia relevante aos países que utilizarem a Rota do Mar do Norte.

Em segundo lugar, basicamente extingue os riscos de pirataria, nas proximidades do chifre da África, especialmente no litoral da Somália, no Golfo de Áden, e do problema intrínseco aos pontos de estrangulamento como os estreitos de Malaca e o Canal de Suez, que recentemente se viu bloqueado pelo navio Ever Given, causando um grande impacto na economia mundial que se deu desde ao desabastecimento da cadeia produtiva até ao aumento do preço de diversos produtos por ali transitáveis. Segundo a *Oceans Beyond Piracy*, os custos de pirataria foi de algo em torno de US\$6,6 a US\$6,9 bilhões em 2011, o que acarreta consequentemente também em maiores custos de seguro para os navios que se movimentam por tal trajeto. (FILHO, 2014).

Figura 14 - Rota do Mar do Norte vs. Rota via Canal do Suez



Fonte: BEKKERS et al. (2015): *Melting Ice Caps and the Economic Impact of Opening the Northern Sea Route*.

Fato é que o potencial da Rota do Mar do Norte já se apresenta empiricamente no volume de tráfego progressivamente crescente ao longo dos últimos anos, saindo do zero no início dos anos 2000 para 31,5 milhões de toneladas em 2019 e com uma estimativa de crescimento para a ordem de 130 milhões de toneladas em 2035. A Estratégia russa para 2035 preza pelo uso da rota por empresas russas para a entrega de recursos energéticos estratégicos aos mercados globais através do escoamento de sua produção, enquanto que as bases de infraestrutura consolidam o potencial a ser devidamente utilizado pelo comércio marítimo internacional ao longo dos próximos anos. (MEHDIYEVA, 2021).

3.4. Bases de infraestrutura e apoio logístico

Essencial para o desenvolvimento e para trazer capital de terceiros para a região, a Rússia tem ampliado os esforços para a viabilidade do uso da Rota do Mar do Norte em termos comerciais e para isso, além de ser um dos focos da Estratégia de desenvolvimento do Ártico para 2035, lançou em 21 de dezembro de 2019 o seu Plano de Desenvolvimento da Infraestrutura da Rota do Mar do Norte até 2035, com previsão de implementar as medidas do Plano Integral de Modernização e Ampliação da Infraestrutura (2018) e medidas adicionais no

que tange ao desenvolvimento de bases para exploração de recursos minerais até 2035, que serão escoados pela Rota do Mar do Norte. O Plano conta ainda com o desenvolvimento de um programa de desenvolvimento e apoio estatal na construção naval nacional para assegurar o transporte de carga através de modernos navios cargueiros; medidas organizacionais para o desenvolvimento da infraestrutura hidrológica, meteorológica, de salvamento, de comunicação e de informação da Rota do Mar do Norte; desenvolvimento de um sistema de gestão tático-operacional centralizado de navegação durante todo o ano ao longo de toda a rota, com base na criação de um único centro de controle da Rota do Mar do Norte. (GOVERNO RUSSO, 2019).

A Estratégia de desenvolvimento do Ártico para 2035 atribui prioridade para a construção de Portos de exploração de recursos minerais e centros em Kamchatka e Murmansk que permitam o carregamento de navios com redução dos custos de transporte para os mercados finais, além da construção e atualização de instalações militares de uso duplo, incluindo os portos de Pevek, Dixon e Tiksi, os quais prestam suporte ao longo de toda a Rota do Mar do Norte, como podemos observar na Figura 15. (MEHDIYEVA, 2021).

Figura 15 - Bases de infraestrutura e apoio logístico



Fonte: LARUELLE, 2015.

Alinhado também com a Estratégia de Desenvolvimento Geológico do país para 2030, a Estratégia para o desenvolvimento do Ártico para 2035 reforça o conceito de campos conectados por uma estrutura comum, com uma abordagem inovadora orientada pelo viés

econômico de melhor custo-benefício para a exploração dos recursos minerais. (MEHDIYEVA, 2021).

Dessa forma é possível observar o grau de integração e a capacidade tecnológica industrial que a Rússia está empregando para desenvolver a região que oportunamente pode contribuir ainda com a questão demográfica russa. Historicamente com uma concentração populacional na parte russa voltada para a Europa, o aumento progressivo na temperatura dos continentes, como foi observado na Figura 7, aliado ao desenvolvimento de infraestrutura para a região, surge como uma oportunidade de uma melhor distribuição demográfica no longo prazo para o Estado russo que pode se voltar para características aliadas aos países com abertura comercial para o mar.

3.5. Militarização do Ártico

A militarização do Oceano Ártico, no que diz respeito a sua ocupação por meios e tropas militares, não surgiu apenas neste momento de derretimento das geleiras na região. Durante a Guerra Fria o Ártico foi um local de grandes tensões e, foi utilizado para a instalação de equipamentos militares, como radares e sensores que pudessem dar um alerta antecipado as defesas estadunidenses e russas contra o lançamento de mísseis balísticos intercontinentais, já que a região fazia parte da menor rota entre os países, como abordado por Le Mière e Mazo:

O Ártico manteve sua importância estratégica durante a Guerra Fria. A rota mais curta entre a União Soviética e os Estados Unidos, para aeronaves e mísseis balísticos, era sobre a região polar. O Ártico era, portanto, um importante teatro estratégico para defesa antiaérea, alerta antecipado e defesa contra potenciais mísseis balísticos. (LE MIÈRE e MAZO, 2013, p. 1587, tradução nossa).⁴

Após a queda da URSS e o consequente término da Guerra Fria, o Ártico passou por uma fase de desmilitarização e só retornou ao cenário mundial com ênfase nos aspectos militares, recentemente, com os impactos provocados pelo aumento da temperatura dos mares, que trouxe oportunidades no que se refere a exploração de recursos energéticos e a abertura de novas rotas marítimas comerciais, como já abordados anteriormente ao longo deste trabalho. Todavia, esta reascensão militar na região se pautou, pelo menos até meados de 2014, pela cooperação entre os países Árticos em benefício coletivo em âmbito internacional.

⁴ *The Arctic retained its strategic importance during the Cold War. The shortest route between the Soviet Union and the continental United States for aircraft and ballistic missiles was over the polar region. The Arctic was thus an important theatre for strategic air defence, early warning and potentially ballistic-missile defence.* (LE MIÈRE e MAZO, 2013, p. 1587).

Em 2014, em meio a sanções econômicas aplicadas pela União Europeia após a anexação da Criméia, a Rússia criou o *Joint Strategic Command North*, constituído por forças terrestres, navais e aéreas e de caráter permanente para manter as projeções do interesse nacional russo e a segurança no Ártico. Nesse momento, ampliou-se a quantidade de exercícios militares, assim como a movimentação de tropas na região, e na Figura 16 é possível observar a disposição das bases militares russas no Ártico em 2015, bem como bases militares de outros países do Círculo Polar Ártico, evidenciando a preponderância russa na região, posicionada estrategicamente próxima de jazidas de óleo e gás natural e em pontos de estrangulamento que permite controlar especialmente a Rota do Mar do Norte. (SILVA e COSSUL, 2021).

Figura 16 - Mapa de militarização russa no Ártico em 2015



Fonte: NUDELMAN, *Business Insider*, 2015.

Apesar da expansão e da superioridade militar russa no Ártico, a política de Moscou manteve sua retórica de cooperação, baseada na Estratégia para o desenvolvimento do Ártico

até 2020, com tarefas militares atreladas a prevenção do contrabando, terrorismo, imigração ilegal, entre outros, porém sem referências às atividades militares de outros Estados. Entretanto, em 2020, com a aprovação da *Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035*, fica explícito que, apesar da Rússia não escolher propositalmente o confronto aberto no Ártico e se manter firme em alcançar seus interesses por meios não militares, a Estratégia menciona o crescimento potencial de conflitos no Ártico como uma ameaça e afirma que, para combatê-la, será necessário um aumento contínuo das capacidades militares de suas Forças Armadas no Ártico. (MEHDIYEVA, 2021).

A Estratégia para 2035 confirma que as preocupações com a segurança dos recursos e dos acessos russos à região cresceram de importância e, ainda no quesito de Defesa, apresenta as necessidades relativas ao aprimoramento da estrutura e da composição das Forças Armadas, assim como da necessidade de modernização de meios e equipamentos adequados as atividades sob o clima hostil do Oceano Ártico (MEHDIYEVA, 2021).

Dessa forma, é possível observar que a Rússia se encontra bem-posicionada militarmente e focada em sua estratégia de longo prazo para o desenvolvimento e salvaguarda dos seus interesses no Ártico, ressaltando o grande valor e as amplas oportunidades que se apresentam naquela região que podem contribuir para o fortalecimento da sua economia, assim como auxiliará na mediação das diversas decisões políticas que exijam uma postura mais firme, uma vez que detém uma força capaz de se opor a interferências externas na região.

CONCLUSÃO

Após uma década de 1990 envolta em crise política e econômica, aliada à anos seguintes de avanço da influência da OTAN sobre os países da antiga União Soviética, é no governo do presidente Vladimir Putin que a Rússia volta a buscar seus tradicionais espaços de hegemonia na região eurasiática. Ao desenvolver sua economia voltada principalmente para a extração e exportação de recursos abundantes em seu território, como petróleo e gás natural, a Rússia reascendeu no cenário internacional fazendo uso da infraestrutura herdada dos tempos da URSS, que interliga as ex-repúblicas e lhe permite escoar sua produção pelo continente, se tornando assim o grande exportador de energia para a Europa, que por sua vez agora dependente dos recursos energéticos russos para manter sua atividade econômica.

Entretanto, o avanço da OTAN para a sua zona de influência, sufoca os anseios russos e impedem o seu desenvolvimento nos termos da grandeza da URSS, reduzindo seu espaço vital e o isolando dentro do território do seu próprio país. Foi na tentativa de se impor e não perder um dos seus espaços estratégicos, que a Rússia anexou a Criméia militarmente, mesmo sofrendo sanções econômicas da União Europeia. Tal ação assertiva para os russos, sob o pano de fundo do pan-eslavismo, manteve sua importante base de Sebastopol, sua saída para o Mar Negro e a continuidade do escoamento energético para a Europa.

Nesse contexto de tensões crescentes na Europa e de sanções econômicas impostas, a Rússia passa a explorar a nova configuração geográfica do Oceano Ártico como uma importante oportunidade para a retomada de sua preponderância na região e passa a se aproximar dos chineses numa iniciativa que promove a expansão da sua economia para o oriente e fortalece a visão de crescimento russo dentro de um contexto de multipolaridade almejada por Putin.

Sendo assim, em 2009, a Rússia apresentou sua estratégia volta para o Ártico sob o título em inglês: *The fundamentals of state policy of the Russian Federation in the Arctic in the period up to 2020 and beyond*, se tornando um dos primeiros países a desenvolver políticas externas concretas voltadas para a região. Em 2020, dando continuidade a implementação de sua política, aprovou a *Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035* e o Plano de Desenvolvimento da Infraestrutura da Rota do Mar do Norte até 2035, dois documentos que demonstram o significativo esforço russo para se desenvolver na região.

A consolidação de tais políticas contribuirá decisivamente para tornar a Rússia ainda mais relevante no cenário internacional, já que, como abordado durante o trabalho, as oportunidades tendem a transformar o país em uma grande potência econômica e a Rússia

encontra-se bem-posicionada para aproveitar os diversos benefícios resultantes do degelo no Oceano Ártico.

Uma das grandes oportunidades que foi possível destacar, diz respeito à grande quantidade de recursos energéticos passíveis de exploração no Ártico russo e, como abordado, a Rússia tem envidado esforços para a construção de infraestrutura e de tecnologia que lhe permitem a exploração continuada de tais campos. Além disso, tem elaborado pesquisas científicas e reforçado a solicitação de extensão da sua plataforma continental de forma a ampliar ainda mais sua zona de exploração.

Tais recursos podem ser escoados também por meio de novas rotas marítimas que se apresentam no Ártico, em especial na costa russa, como a Rota do Mar do Norte, que tem potencial para se tornar uma das maiores rotas comerciais do mundo em volume de carga transportada, tendo em vista que dispõe de inúmeras vantagens se comparadas a outras rotas tradicionais, como menores distâncias envolvidas no trajeto e maior segurança, ao evitar a passagem por zonas de estrangulamento e de alto risco de pirataria e contrabando, possibilitando respectivamente menores tempos para entrega de mercadorias e menores custos de seguro da carga transportada.

A Rússia se encontra mais uma vez bem-posicionada também no que diz respeito a abertura de novas rotas marítimas, com a maior e mais relevante frota marítima de navios quebra-gelo nuclear do mundo, dotada com grande capacidade tecnológica. A Estratégia russa abrange a contínua expansão de seus meios navais e de capacidades de monitoramento e interligação entre suas diversas bases portuárias estabelecidas ao longo da rota, como observado no decorrer deste trabalho. Seu posicionamento agrega valor financeiro e de força política através do estabelecimento de parcerias com países do seu entorno estratégico, da Europa, como a Alemanha, e da China. Ambos os países são membros observadores do Conselho do Ártico que atualmente está sendo presidido pela Rússia, membro efetivo mais influente do Conselho, e ambos apresentam grande interesse, tendo a Alemanha uma das maiores marinhas mercantes do mundo e a China, sendo a maior exportadora de mercadoria do mundo, tendo interesse na redução de custos e prazos de entrega de seus produtos, através do que chamou de um braço da sua Nova Rota da Seda, a Rota da Seda Polar.

A abertura de novas rotas marítimas proporciona ainda a importante saída para o mar tão almejada pela Rússia ao longo de sua história, trazendo facilidades de integração e abertura econômica com diversos países do mundo. Com a expansão de suas capacidades para a região e o contínuo aumento da temperatura do globo, tanto nos mares como na porção terrestre, a costa russa voltada para o Ártico tende gradativamente, no longo prazo, a se tornar um

facilitador para equilíbrio da sua distribuição demográfica, atualmente muito concentrada na região de Moscou, voltada para a Europa.

Dessa forma, é possível compreender a relevância das transformações no Ártico para a política externa russa e para sua estratégia de desenvolvimento a fim de retomar seu posto de potência hegemônica na região eurasiática. As diversas oportunidades aliadas ao adequado posicionamento russo na região, inclusive com bases, meios e equipamentos militares que promovem a segurança dos seus interesses, reforça o estabelecimento da Rússia como uma grande potência mundial, num contexto de uma Nova Ordem Multipolar ao longo dos próximos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raymond. **Democracia e Totalitarismo**. Lisboa: Edit. Presença, 1966.

BARROS, Edgard Luís de. **A Guerra Fria**. Discutindo a história. Campinas: Papirus Editora, 1985.

BEKKERS et al. **Melting Ice Caps and the Economic Impact of Opening the Northern Sea Route**. CPB Netherlands Bureau for Economic Policy Analysis, Discussion Paper 307, 2015.

BRITO, Ana. **A energia na Europa**. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2019/10/15/infografia/energia-europa-379>> Acesso em 28 de julho de 2021.

China's Arctic Policy. 2018. Disponível em: <http://www.china.org.cn/government/whitepaper/node_8002699.htm> Acesso em: 20 de julho de 2021.

COLODA, Thiago Alberto; ANDRADE, Bianca. **O pivô geográfico da História (Por Halford J. Mackinder)**. Revista de Geopolítica, v. 2, n. 2, p. 3-27, 2016.

DA SILVA, Carolina Sofia Nóbrega. **A Geopolítica do Ártico e a política externa da Rússia para a região (2007-2017)**. 2017. 84 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

DUARTE, Erico e SUDBRACK, Lucas. **A política internacional do Ártico no século XXI: degelo e a nova fronteira Russa**. Rev. Carta Inter., Belo Horizonte, v. 11, n. 1, 2016, p. 221-244.

FILHO, Nelson Speranza. **Pirataria Marítima: Ameaça Global**. 2014. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=52fe8f09c95a49a4#:~:text=A%20reparti%C3%A7%C3%A3o%20dos%20custos%20mais,de%20seguran%C3%A7a%20e%20guardas%20armados>> Acesso em 02 de agosto de 2021.

GALVÃO, Genildo Pereira. **Rússia, em busca de seu espaço no novo contexto internacional**. Centro Universitário Instituto de Educação Superior De Brasília – IESB. Brasília, 2018.

GOLDGEIER, James. **Promises Made, Promises Broken? What Yeltsin was told about Nato in 1993 and why it matters**. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2016/07/promises-made-promises-broken-what-yeltsin-was-told-about-nato-in-1993-and-why-it-matters/>> Acesso em: 27 de julho de 2021.

GOVERNO RUSSO, **Утверждён план развития инфраструктуры Северного морского пути до 2035 года**, 2019. Disponível em: <<http://government.ru/docs/38714/>> Acesso em 02 de agosto de 2021.

HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IMMONEN, Ninna, STRAND, Kari e TURUNEN, Saija: ***Mineralogical Evidence of Middle Miocene Glacial Ice in the Central Arctic Ocean Sediments***, the Geophysical Society of Finland, Helsinki, 2009.

KAZMI, Atia Ali. **The Arctic: Great powers & their geopolitical interests**. Disponível em: <<https://www.globalvillagespace.com/the-arctic-great-powers-their-geopolitical-interests/>> Acesso em 29 de julho de 2021.

LARUELLE, Marlene. **Russia's Arctic Strategies and the Future of the Far North**. Editora Routledge, 2015.

LE MIÈRE, Christian e MAZO, Jeffrey. **Arctic opening: Insecurity and opportunity**. Adelphi Book 440. Kindle Edition. Routledge for the international institute for strategic studies, 2013.

MACKINDER, Halford J. **DEMOCRATIC IDEALS AND REALITY A Study in the Politics of Reconstruction by the RIGHT HONOURABLE**. National Defense University Press, Washington, DC, 1942.

MEARSHEIMER, John. **Back to the future: instability in Europe after the cold war**. In: **International Security**, v. 15, n. 1, p. 5-56, 1990.

MEHDIYEVA, Nazrin. **“Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035”**. Disponível em: <https://www.ndc.nato.int/research/research.php?icode=703#_edn7> Acesso em 29 de julho de 2021.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da geopolítica?** Editora Hucitec, 1999.

MUNHOZ, Vanessa de Abreu; CARLETTI, Anna. **Política Ártica da China - Uma Estratégia de Inserção**. Cadernos de Relações Internacionais e Defesa, v. 2, n. 3, p. 24-44, 3 dez. 2020.

NASA, **Global Climate Change - Vital Signs of the Planet**. Disponível em: <<https://climate.nasa.gov/vital-signs/global-temperature/>> Acesso em: 17 de julho de 2021.

NUDELMAN, Mike. Business Insider. **This map shows Russia's dominant militarization of the Arctic**. 2015. Disponível em: <<https://www.businessinsider.com/chart-of-russiasmilitarization-of-arctic-2015-8>>. Acesso em 01 de agosto de 2021.

NUNES, Thainá Penha Baima Viana e SILVA, Mayane Bento. **Fundamentos da geopolítica neo-eurasianista na inserção russa no caso sírio**. Rev. Bras. Est. Def. v. 5, nº 1, jan./jun. 2018, p. 227-249.

Observatório Geo. **Mapa Político da Europa durante a Guerra Fria**. 2012. Disponível em: <<http://obsgeo.blogspot.com/2012/04/mapa-politico-da-europa-durante-guerra.html>>. Acesso em 23 de julho de 2021.

PEREIRA, Roberta Dohani e ALENCAR, Dimas Meio. **A criação da Otan e sua permanência no período pós-Guerra Fria**. Fronteira, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 83-103,

jun. 2004.

PLOKHY, Serhii. **O último império: Os últimos dias da União Soviética**. Tradução de Luis Antônio Oliveira. São Paulo, LeYa, 2015.

RAINWATER, Shiloh. "Race to the North: China's Arctic Strategy and Its Implications," Naval War College Review: Vol. 66: No. 2, Article 7, 2013. Disponível em: <<https://digital-commons.usnwc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1371&context=nwc-review>> Acesso em 30 de julho de 2021.

RATO, Vasco. **Romper o Cerco: a Rússia de Putin e a Nova Guerra Fria**. Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI-UNL), 2018, p. 116-148.

SAVRANSKAYA, Svetlana e BLANTON, Tom. **NATO Expansion: What Yeltsin Heard**, 2018. Disponível em: <https://nsarchive.gwu.edu/briefing-book/russia-programs/2018-03-16/nato-expansion-what-yeltsin-heard#_ednref2>. Acesso em 26 de julho de 2021.

SILVA, Carolina Sofia Nóbrega da. **A Geopolítica do Ártico e a política externa da Rússia para a região (2007-2017)**. 2017. 84 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

SILVA, Pedro Henrique Iranço, COSSUL, Naiane Inez [2021]. **O degelo no Ártico e a nova frente geopolítica para a Rússia**. Revista Conjuntura Global. 2021.

SHEA, Neil. **Cenas da nova Guerra Fria se desenrolam no topo do mundo. Forças militares disputam o controle do Ártico, que derrete a cada dia**. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2018/11/nova-guerra-mundo-russia-eua-estados-unidos-canada-china-artico-gelo-frio-derretimento-militar-exercito>> Acesso em 28 de julho de 2021.

SHEVTSOVA, Lilia e BROWN, Archie. **Gorbachev Yeltsin e Putin a Liderança Política na Transição Russa**. Editora Unb, 2004.

SHPUY, Oxana. **O Sistema Político Russo: da transição a uma democracia dirigida?** Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2013.

SPUTNIKNEWS, **Por que EUA querem construir frota de quebra-gelos no Ártico?** 2020. Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/americas/2020061615716694-por-que-eua-querem-construir-frota-de-quebra-gelos-no-artico/>> Acesso em 01 de agosto de 2021.

TEXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M. **Geopolítica - do pensamento clássico aos conflitos contemporâneos**. Editora Intersaberes, 2017.

The Alliance's New Strategic Concept. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natolive/official_texts_23847.htm>. Acesso em 25 de julho de 2021.

The Arctic Institute, Center for Circumpolar security studies. Disponível em: <<https://www.thearcticinstitute.org/>> Acesso em 16 de julho de 2021.

The Geographical Journal, Vol. 170, No. 4, December 2004, pp. 298–321. The geographical pivot of history (1904) - H J Mackinder. Disponível em: <http://katedrawiss.uwm.edu.pl/sites/default/files/download/202005/h._mackinder_the_geographical_pivot_of_history_1904.pdf> Acesso em 16 de julho de 2021.

THEODORO, Leonardo. **Você sabe o que foi o Pacto de Varsóvia?** Politize! 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/pacto-de-varsovia/>> Acesso em 16 de julho de 2021.

TOMÉ, Luís. **Geopolítica da Rússia de Putin. Não é a União Soviética, mas gostava de ser...** Relações Internacionais, dezembro de 2018 [p. 069-099].

Tratado da Comunidade dos Estados Independentes. Disponível em: <<http://cis.minsk.by/reestr/ru/index.html#reestr/view/text?doc=1>>. Acesso em 25 de julho de 2021.

Tratado do Atlântico Norte, Art 5º. Disponível em: <https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm?selectedLocale=pt>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

WELZL, Regina. **O governo de Mikhail Gorbatchev.** Disponível em: <<https://www.coladaweb.com/politica/o-governo-de-mikhail-gorbachev>> Acesso em: 26 de julho de 2021.

XINHUA. **Conselho do Ártico adota primeiro plano estratégico para próximos 10 anos.** Disponível em: <http://portuguese.xinhuanet.com/2021-05/22/c_139963107.htm> Acesso em 30 de julho de 2021.